

Liberdade para os Cativos oferece recursos únicos para afirmar a liberdade do julgo do islamismo. Eles podem ajudar as pessoas a abandonarem o islamismo ou podem oferecer cura e liberdade àqueles que sofrem com a intimidação do islamismo.

Este livro revela o verdadeiro significado da shahada – a confissão muçulmana de fé – e do pacto da dhimma de rendição ao controle muçulmano. Ele oferece um processo de passo-a-passo que mostra como o legado espiritual dessas duas alianças podem ser deixadas de lado. Ele dá as chaves para a aplicação do poder da cruz para afirmar ‘a liberdade da glória dos filhos de Deus’ (Romanos 8:21).

As orações e declarações nestas páginas foram testadas em seis continentes. Seu valor foi confirmado na ajuda em libertar as pessoas, na quebra de fortalezas intergeracionais e em sua libertação para que sejam testemunhas ousadas e eficazes no poder salvador de Cristo.

Dr. Mark Durie Mark Durie é teólogo, ativista de direitos humanos e pastor de uma igreja anglicana. Ele já publicou muitos artigos e livros sobre a língua e cultura do povo achém, sobre as relações entre muçulmanos e cristãos e sobre liberdade religiosa. Ele é formado pela Universidade Nacional Australiana e pela Faculdade Australiana de Teologia, ele foi professor visitante na Universidade de Leiden, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, na Universidade de Stanford e na Universidade da Califórnia, e foi eleito Fellow da Academia Australiana de Humanas em 1992.

Liberdade para os cativos



Mark
Durie

LIBERDADE PARA OS CATIVOS

*Livres do Islamismo e da Dhimmitude pela
Cruz*

MARK DURIE

db

DEROR BOOKS

Copyright © June 2010, March 2013 by Mark Durie ISBN:
978-0-6484208-0-4
Deror Books
www.derorbooks.com

SOBRE O AUTOR

Mark Durie é teólogo, ativista de direitos humanos e pastor de uma igreja anglicana. Ele já publicou muitos artigos e livros sobre a língua e cultura do povo achém, sobre as relações entre muçulmanos e cristãos e sobre liberdade religiosa. Ele é formado pela Universidade Nacional Australiana (Bacharel Cum Laude, PhD) e pela Faculdade Australiana de Teologia (Diploma em Teologia, Bacharel em Teologia Cum Laude). Depois de exercer a função de professor visitante na Universidade de Leiden, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts, na Universidade de Stanford e na Universidade da Califórnia em Los Angeles e Santa Cruz, ele tornou-se Titular de Cadeira do Departamento de Linguística e Estudos de Línguas na Universidade de Melbourne, foi eleito Fellow da Academia Australiana de Humanas em 1992 e recebeu a Medalha Bicentenária Australiana em 2001 por suas contribuições à pesquisa.

DO MESMO AUTOR

*The Third Choice: Islam, Dhimmitude and Freedom
Which God? Jesus, Holy Spirit, God in Christianity and Islam*

Para mais informações sobre os livros de
Mark Durie
www.markdurie.com

*Louvido Bendito seja o Senhor, que não nos entregou
para sermos dilacerados pelos dentes deles.*

*Como um pássaro escapamos da armadilha do caçador;
a armadilha foi quebrada, e nós escapamos.*

*O nosso socorro está no nome do Senhor,
que fez os céus e a terra.*

Salmo 124

Agradecimentos

Sou grato pelo apoio de tantas pessoas que contribuíram com sugestões, conselhos e incentivo para que este pequeno livro surgisse. Sem a ajuda delas, ele nunca teria sido escrito.

Em especial, desejo agradecer à equipe de *Mosques and Miracles* por todo seu apoio ao longo desses anos e por disponibilizar um contexto para testar as orações de renúncia à *dhimma*.

Agradeço quaisquer sugestões de melhoria desse material para o ministério cristão, principalmente em relação a orações de ministração que estão nos capítulos finais.

Mark Durie, Março de 2013.

Sobre as Referências

Este volume foi elaborado, de forma intencional, usando um mínimo de referências e notas de rodapé. Para detalhes completos e referências sobre o assunto dos capítulos 2-4, favor consultar *The Third Choice: Islam, dhimmitude and freedom* [A Terceira Opção: islã, dhimmitude e liberdade].

As referências ao Alcorão seguem o exemplo: Alcorão 9:29, que se refere à Sura 9:29, ou seja, capítulo 9, verso 29 do Alcorão.

Permissão para o uso das orações

As orações nos capítulos 7 e 8 podem ser reproduzidas contanto que a editora seja informada (via www.derorbooks.com), e com a seguinte nota de referência:

As Orações de Renúncia ao Islamismo foram tiradas de *Liberty to the Captives* [Liberdade aos cativos] (Deror Books 2013). Direitos Autorais © 2010, 2013 Mark Durie. Reproduzido com permissão de Mark Durie.

Conteúdo

A Necessidade de Renunciar ao Islamismo	1
A Shahada	9
O Pacto da <i>Dhimma</i>	25
Mohamad e Rejeição	39
Jesus, o Varão de Dores.....	65
A Cruz, Nosso Caminho para a Liberdade.....	77
Como Renunciar à <i>Dhimma</i>	111
Como Renunciar à <i>Shahada</i>	125
Bibliografia	145

CAPÍTULO I

A Necessidade de Renunciar ao Islamismo

Uma das necessidades mais urgentes de muitas pessoas no mundo é renunciar ao islamismo. Liberdade para os Cativos foi escrito para atender a essa necessidade. Ele fornece ferramentas – informações e orações – para auxiliar os cristãos a se libertarem do controle espiritual do islamismo.

A ideia essencial deste livro é que o poder espiritual do islamismo é exercido através de duas alianças, conhecidas como *shahada* e *dhimma*. A *shahada* prende os muçulmanos e a *dhimma* prende os não muçulmanos às condições determinadas pela lei islâmica.

Este livro explica:

- Como uma pessoa, que era muçulmana, mas decidiu seguir Cristo, pode renunciar e se libertar da fidelidade à aliança da *shahada* e a tudo o que ela envolve.
- Como alguém, sendo cristão, pode afirmar sua liberdade e se libertar da inferioridade humilhante imposta aos não muçulmanos pela lei islâmica da *sharia* através da *dhimma*.

Os cristãos podem declarar sua legítima liberdade ao renunciarem a essas alianças. Com esse intuito, são apresentadas aqui orações de renúncia ao islamismo – liturgias de libertação.

As Duas Alianças

A palavra árabe *islā* significa ‘submissão’ ou ‘sujeição’. A fé de Mohamad oferece ao mundo dois tipos de submissão. Uma é a sujeição do convertido que aceita a religião islâmica. A outra é a sujeição dos não muçulmanos que se entregam à submissão ao islamismo sem conversão.

- A aliança do convertido é a *shahada*, o credo muçulmano. Essa é a confissão de fé na unidade de Alá, em Mohamad como profeta e em tudo o que isso envolve.
- A aliança do não muçulmano que se rende ao domínio político do islamismo é a *dhimma*. Essa é a instituição da lei islâmica que determina o status

dos cristãos e de outros que decidem não se converter ao islamismo, mas que são obrigados a viver sob seu controle.

A exigência de submissão que o islamismo faz à humanidade, seja através da confissão da *shahada* ou pela aceitação da *dhimma*, precisa ser resistida.

Muitos cristãos não se surpreenderiam se alguém que renunciou à fé muçulmana para seguir Cristo precisasse renunciar ao islamismo. Poucos entenderiam que cristãos que nunca foram muçulmanos podem, apesar disso, estar sob a influência espiritual do domínio islâmico e podem precisar, de forma explícita, tomar uma posição pessoal contrária às afirmações do pacto da *dhimma*, rejeitando o medo e o status de inferioridade que o islamismo busca impor sobre esses por não serem muçulmanos.

Liberdade para os Cativos oferece uma explicação sucinta dos princípios por detrás das duas alianças de dominação – *shahada* e *dhimma* – e convida o leitor a considerar Cristo, o poder de sua vida e os recursos espirituais para a liberdade que ele garante através da cruz. Por fim, este livro fornece princípios bíblicos e disponibiliza orações que capacitam o leitor a reivindicar para si a liberdade que Cristo já lhes garantiu.

Transferência de Soberania

Muitos teólogos islâmicos valorizam a ideia de soberania: eles enfatizam que a soberania é ‘apenas para Alá’. O que

eles querem dizer com isso é que a lei da *sharia* deve ter supremacia sobre todos os princípios de justiça ou poder.

A ideia chave deste livro é que os seguidores de Cristo têm o direito e, de fato, o dever de renunciarem a todas as formas de soberania espiritual.

No entendimento cristão, entregar-se a Cristo significa rejeitar e renunciar a todas as reivindicações sobre a alma da pessoa, exceto aquelas estabelecidas por Cristo. Paulo, em sua carta aos Colossenses, descreve sua aceitação da fé em Cristo como uma mudança de um reino para outro:

Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados (Colossenses 1:13,14).

A estratégia espiritual proposta neste livro é de uma aplicação desse princípio de mudança de um reino para outro. O cristão, como parte integral de sua redenção, colocou-se sob o domínio de Cristo. Logo, ele não está mais sujeito aos princípios do ‘domínio das trevas’. Para que os crentes reivindiquem e tomem posse dessa liberdade para si mesmos – que é sua por direito de herança – em oposição às reivindicações do islamismo, eles precisam entender **de onde** foram tirados e **para onde** foram transportados. Este livro fornece esse conhecimento ao leitor e disponibiliza aos crentes recursos que os capacitam a utilizar esse conhecimento.

A Espada Não É a Resposta

Há várias formas de resistir ao desejo de dominação do islamismo. Isso pode envolver uma grande variedade de ações, incluindo ação política e comunitária, defesa de direitos humanos, pesquisa acadêmica e o uso de mídia para comunicar a verdade. Para algumas comunidades e nações, há casos em que uma resposta militar pode ser necessária.

Quando Mohamad comissionou seus seguidores para levar sua fé ao mundo, ele os instruiu a dar **três** alternativas aos não muçulmanos. Uma era a conversão – *shahada* – outra era a sujeição política – *dhimma* – mas a outra opção era ‘a espada’ – lutar por suas vidas, matando e morrendo, como sugere a palavra árabe *qātilū*, usada no Alcorão para descrever essa luta (veja, por exemplo, Alcorão 9:29, 2:190, 2:193, 2:217, 9:111).

No entanto, o caminho da resistência à *jihad* traz perigos espirituais, muito diferentes da possibilidade de derrota nas mãos dos muçulmanos. Quando os cristãos do Velho Mundo começaram uma resistência defensiva à conquista islâmica, uma luta que deveria durar mais de um milênio – passaram-se mais de oito séculos até que a Reconquista da Península Ibérica terminasse – eles foram transformados pela experiência, mas não necessariamente para melhor. Mal se passaram sete anos depois que os sarracenos pilharam Roma em 846 – e mais de um século após a invasão e ocupação da Andaluzia – para que o Papa Leão, em 853 AC, promettesse a garantia do paraíso àqueles que deram suas vidas defendendo as igrejas e cidades cristãs da invasão dos árabes. Mais de três séculos depois, o Papa Gregório VII estendeu o perdão dos pecados a quem

morresse lutando pela agressiva expansão do poder cristão em terras não cristãs. Assim foi estabelecido o dogma da Guerra Santa das cruzadas, uma teologia de *'jihad cristã'* que imita o islamismo e que foi exportada pelos Conquistadores para o Novo Mundo, com resultados sangrentos.

Hoje os cristãos não pregam mais a 'Guerra Santa', mas o fato de que grande parte do mundo cristão se rendeu à heresia da *'jihad cristã'*, que surgiu como resposta direta à agenda teológica do islamismo, deveria servir de lição sobre os riscos inerentes da resistência ao islamismo.

A raiz do poder do islamismo não é militar ou política, mas espiritual. O islamismo faz exigências que são essencialmente institucionalizadas na lei da *Sharia* através do estabelecimento da *shahada* e da *dhimma*. Por essa razão, os recursos oferecidos aqui para resistência e libertação das pessoas do islamismo são espirituais. Eles foram criados para que os cristãos os coloquem em prática, aplicando o entendimento bíblico da cruz para alcançar a liberdade.

'Não pelo poder dos homens'

No livro de Daniel, há uma contundente visão profética revelada seis séculos antes de Cristo sobre um governante cujo reino surgiria a partir dos reinos que viriam depois do império de Alexandre, o Grande:

"No final do reinado deles, quando a rebelião dos ímpios tiver chegado ao máximo, surgirá um rei de duro

semblante, mestre em astúcias. Ele se tornará muito forte, mas não pelo seu próprio poder. Provocará devastações terríveis e será bem-sucedido em tudo o que fizer. Destruirá os homens poderosos e o povo santo. Com o intuito de prosperar, ele enganará a muitos, e se considerará superior aos outros. Destruirá muitos que nele confiam e se insurgirá contra o Príncipe dos príncipes. **Apesar disso, ele será destruído, mas não pelo poder dos homens.**” (Daniel 8:23-25)

Os atributos desse governante mostram uma semelhança surpreendente com o legado de Mohamad, incluindo o senso de superioridade do islamismo; sua inclinação para o sucesso; o uso de engano; a apropriação de força e riquezas do progresso de outros para aumentar seu próprio poder; um jeito de conquistar aqueles que são levados à vulnerabilidade por sua fraqueza em troca de um falso senso de segurança; e um histórico de destruição de comunidades cristãs e judaicas.

Será que essa profecia se refere a Mohamad e à religião que se originou dos destroços morais e espirituais de sua vida? Se sim, então a esperança que essa passagem bíblica nos dá de uma eventual vitória sobre o poder desse ‘rei’ também traz um alerta de que a vitória não será pelo ‘poder dos homens’. Para vencer esse poder, a liberdade não será alcançada simplesmente por meios políticos, militares ou econômicos.

Anos de reflexão e estudo me convenceram de que esse alerta certamente é verdadeiro para a reivindicação do islamismo do seu direito de dominar outros. O poder que ele reivindica é espiritual e uma resistência eficaz, que leva

à liberdade duradoura de sua reivindicação de domínio, só pode ser alcançada por meios espirituais. Outras formas de resistência podem ser necessárias para administrar os sintomas da hegemonia islâmica, mas não podem tratar a raiz do problema.

Estou convencido de que somente o poder de Cristo e o poder de sua cruz fornecem as chaves para a libertação duradoura e completa das afirmações humilhantes do islamismo. Foi a partir dessa convicção que escrevi este livro. Seu propósito é capacitar os santos a se libertar dos dois aspectos da estratégia do islamismo usados para dominar a alma humana.

Se quiser saber mais...

A proposta deste livro é ser claro e direto. Se o leitor desejar ler mais sobre o islamismo e confirmar essas informações em fontes originais, a pesquisa que corrobora este material pode ser estudada com mais detalhes em meu livro anterior *The Third Choice: Islam, Dhimmitude and Freedom*. [A Terceira Alternativa: Islã, Dhimmitude e Liberdade]. Ele traz inúmeras referências a fontes primárias que documentam as afirmações feitas aqui sobre o islamismo.

CAPÍTULO 2

A Shahada

Como se tornar um muçulmano

A palavra *islã* vem do árabe e significa ‘submissão’. A palavra *muçulmano* significa ‘o que se submete’, alguém que se entrega a Alá.

O que essa submissão significa? A imagem característica de Alá no Alcorão é a do senhor soberano que tem autoridade absoluta sobre todas as coisas. A atitude que se espera perante esse senhor é de submissão à sua autoridade.

Entrar para o islamismo significa concordar em se submeter a Alá. Isso é feito através da confissão da *shahada*, o credo islâmico:

*Asbhadu an la ilaha illa Allah,
wa asbhadu anna Muhammadun Rasulu Allah*

‘Eu confesso que não há outro deus além de Alá,
E confesso que Mohamad é o Mensageiro de Alá.’

Se você concordar com a shahada e recitá-la, torna-se muçulmano.

Embora essas sejam apenas algumas palavras, suas implicações são enormes. A repetição da shahada é uma declaração da aliança de que Mohamad será seu guia para o resto da vida. Ser muçulmano – ‘aquele que se submete’ – significa seguir Mohamad como mensageiro único e definitivo de Alá, que oferece orientação para todos os detalhes da vida.

A orientação de Mohamad está em duas fontes que, juntas, formam o cânon islâmico:

- O *Alcorão* é um livro de revelações que Alá deu a Mohamad.
- A *Sunna* é o exemplo de Mohamad, que inclui:

Ensinamentos: as coisas que Mohamad ensinou às pessoas a fazerem.

Ações: as coisas que Mohamad fez.

O exemplo de Mohamad está registrado para os muçulmanos em dois formatos principais. Um é a coleção de *Hadiths*, que são as afirmações tradicionais que registram as coisas que Mohamad fez e disse. O outro

formato são as *siras*, que são as biografias de Mohamad e que apresentam sua vida em ordem cronológica.

O Caráter de Mohamad

Vale a pena seguir o exemplo de Mohamad? Embora alguns aspectos da vida de Mohamad sejam positivos, admiráveis ou intrigantes e até mesmo fascinantes, há episódios que são considerados errados com base em quase qualquer padrão ético. Várias afirmações e episódios nas *siras* e *Hadiths* são chocantes, incluindo assassinatos, tortura, estupro e outros abusos contra mulheres, escravidão, roubo, engano e provocação contra não muçulmanos.

Esses materiais não são apenas perturbadores como evidência de quem era Mohamad: eles têm implicações para todos os muçulmanos. O exemplo de Mohamad foi imposto por Alá no Alcorão como sendo o melhor modelo a ser seguido, por isso, esses incidentes podem ser – e têm sido – usados como padrões a serem seguidos pelos muçulmanos.

Além disso, alguém que esteja escravizado pela *shahada* é obrigado a seguir o exemplo de Mohamad e imitar seu caráter. Isso resulta da confissão da *shahada* de que Mohamad é o mensageiro de Alá. Repetir isso significa aceitar a orientação de Mohamad para sua vida.

No Alcorão, Mohamad é considerado o melhor exemplo, obrigatório que todos sigam:

Aquele que obedece ao Mensageiro, obedece assim a Alá... (Alcorão 4:80)

Não é dado àquele nem àquela que é fiel a opção de agir conforme seu arbítrio quando Alá e Seu Mensageiro que decidem um assunto. Sabei que quem desobedecer a Alá e ao Seu Mensageiro irá se desviar evidentemente. (Alcorão 33:36)

Os que seguem Mohamad serão bem-sucedidos e abençoados:

Aqueles que obedecem a Alá e ao Seu Mensageiro e temem a Alá e a ele se submetem serão os ganhadores. (Alcorão 24:52)

Aqueles que obedecem a Alá e ao Mensageiro, estarão entre os agraciados... (Alcorão 4:69)

Opor-se à instrução e ao exemplo de Mohamad é descrença. Isso leva ao fracasso nesta vida e ao fogo do inferno na próxima. Essas maldições são lançadas sobre os muçulmanos no Alcorão:

A quem combater o Mensageiro, depois de haver sido evidenciada a Orientação, seguindo outro caminho que não o dos fiéis, nós os abandonaremos em seu erro e os introduziremos no inferno. Que péssimo destino! (Alcorão 4:115)

Aceitai, pois, o que vos der o Mensageiro, e absteide-vos de tudo quanto ele vos proíba. E

temei a Alá, porque Alá é severíssimo no castigo.
(Alcorão 59:7)

E aqueles que desobedecem a Alá e ao Seu Mensageiro certamente terão o fogo infernal, onde morarão eternamente. (Alcorão 72:23)

O Alcorão também ordena que se combata qualquer um que rejeite Mohamad:

Combatei aqueles que não creem em Alá e no Dia do Juízo Final, nem abstêm do que Alá e Seu Mensageiro proibiram, e nem professam a verdadeira religião daqueles que receberam o Livro, até que, submissos, paguem o tributo.
(Alcorão 9:29)

...firmeza, pois, aos fiéis! Logo infundirei o terror nos corações dos incrédulos; decapitai-os e decepai-lhes os dedos! Isso porque contrariaram Alá e o Seu Mensageiro; saiba, quem contrariar Alá e o Seu Mensageiro, que Alá é Severíssimo no castigo. (Alcorão 8:12-13)

O Alcorão – o documento pessoal de Mohamad

Os muçulmanos praticantes creem no Alcorão como a revelação exata da orientação de Alá para a humanidade, dada por intermédio de seu mensageiro Mohamad. Se você aceita o mensageiro, precisa aceitar sua mensagem. A

shahada, portanto, obriga o muçulmano a crer no Alcorão e obedecer-lhe.

Um ponto chave que precisa ser entendido sobre a forma como o Alcorão foi elaborado é que Mohamad e o Alcorão estão intimamente interligados como o corpo está ligado à coluna vertebral. A *Sunna* é como o corpo e o Alcorão, a coluna vertebral. Um não se sustenta sem o outro e não se pode entender um sem o outro.

A Sharia Islâmica – o ‘caminho’ para ser muçulmano

Para seguir o ensinamento e o exemplo de Mohamad, o muçulmano deve observar o Alcorão e a *Sunna*. No entanto, esse material em si é muito complexo e difícil para a maioria dos muçulmanos acessarem, entenderem e usarem sozinhos. Tornou-se óbvio aos líderes religiosos dos primeiros séculos do islamismo que a maioria dos muçulmanos dependia de uma minoria especializada que poderia decodificar e organizar os materiais originais da *Sunna* de Mohamad e do Alcorão em um conjunto de regras de vida sistemáticas e consistentes. Assim, com base no Alcorão e na *Sunna* de Mohamad, os juristas muçulmanos deram origem ao que ficou conhecido como *Sharia*, o ‘caminho’ ou ‘modo’ de viver do muçulmano.

A *Sharia* islâmica também pode ser chamada de *Sharia* de Mohamad porque tem como base o exemplo e o ensinamento de Mohamad. Esse sistema de regras define um modo de vida completo. Não existe islamismo sem *Sharia*.

Porque a *Sunna* de Mohamad é o fundamento da lei da *Sharia*, é importante não relativizar ou mascarar os detalhes registrados do que ele fez e disse, conforme registrado nas *Hadiths* e na *sira*. A ignorância a respeito de Mohamad é ignorância a respeito da *Sharia* e, sendo assim, também a respeito dos direitos das pessoas que vivem sob condições islâmicas. A lei da *Sharia* recomenda que, aquilo que Mohamad fez, os muçulmanos devem imitar, e a vida de centenas de milhões de pessoas é afetada, não importando se são muçulmanas ou não. A relação entre a vida de Mohamad e a vida das pessoas hoje nem sempre é direta, mas permanece extremamente forte e significativa.

Outra coisa que deve ser notada a respeito da *Sharia* é que, diferente das leis feitas pelo governo, que são formuladas por pessoas e podem ser mudadas, considera-se que a *Sharia* foi estabelecida de forma divina e, assim sendo, é perfeita e imutável. Há algumas áreas flexíveis – novas circunstâncias continuam surgindo, então é necessário que os juristas muçulmanos apliquem princípios de razão e analogia para estabelecer como a *Sharia* será aplicada – mas esses são ajustes externos ao que é considerado um sistema preestabelecido e ideal.

A promessa de sucesso

O que então o islamismo considera como sendo resultado da orientação correta? Para os que se submetem a Alá e aceitam sua orientação, o resultado esperado é o **sucesso** nessa vida e na próxima. O chamado para o islamismo é um chamado para o sucesso.

Esse chamado para o sucesso é declarado na *adhan*, ou convite à adoração (*salat*), que é proclamado aos muçulmanos cinco vezes ao dia:

Alá é Maior! Alá é Maior!
Alá é Maior! Alá é Maior!
Eu testemunho que não há outro deus,
somente Alá.
Eu testemunho que não há outro deus,
somente Alá.
Eu testemunho que Mohamad
é o mensageiro de Alá.
Eu testemunho que Mohamad
é o mensageiro de Alá.
Venha adorar. Venha adorar.
Venha para o sucesso. Venha para o sucesso.
Alá é Maior! Alá é Maior!
Alá é Maior! Alá é Maior!
Não há outro deus além de Alá.

O Alcorão enfatiza bastante a importância do sucesso. Ele divide a humanidade entre os vencedores e o resto. Os que não aceitam a orientação de Alá são repetidamente chamados de ‘os perdedores’:

E quem quer que almeje outra religião, que não seja o Islã, jamais será aceito e, no outro mundo, essa pessoa contar-se-á entre **os perdedores**.
(Alcorão 3:85)

Se idolatrades, certamente tornar-se-á sem efeito a tua obra, e te contarás entre **os perdedores**.
(Alcorão 39:65)

Um mundo dividido

Em seus capítulos, o Alcorão tem muito a dizer não só sobre os muçulmanos, mas sobre pessoas de outras crenças também. A terminologia jurídica islâmica faz referência a quatro tipos diferentes de pessoas:

Antes de mais nada, há **os muçulmanos de verdade**.

Depois vem uma outra categoria chamada de **hipócritas**, que são muçulmanos rebeldes.

Os idólatras formavam a categoria dominante entre os árabes antes de Mohamad surgir. A palavra usada para 'idólatra' é *mushrik*, que literalmente significa 'o que se associa'. Essas eram pessoas que faziam *shirk* 'associação', o que quer dizer que qualquer um ou qualquer coisa é como Alá.

O '**Povo do Livro**' são uma subcategoria do *mushrik*. Essa categoria inclui os cristãos e os judeus. Eles são considerados *mushrik*, porque o Alcorão diz que tanto os cristãos quanto os judeus são culpados de *shirk* 'associação'.

O conceito de 'Povo do Livro' indica que o cristianismo e judaísmo estão relacionados ao islamismo e se originaram dele. O islamismo é considerado a religião de origem de onde vieram os cristãos e os judeus ao longo dos séculos. Segundo o Alcorão, cristãos e judeus seguem uma fé que era puramente monoteísta – em outras palavras, o islamismo – mas seus livros sagrados foram corrompidos e não são mais autênticos. Nesse sentido, o cristianismo e o

judaísmo são considerados derivações distorcidas do islamismo, e seus seguidores se desviaram do caminho justo indicado. Além disso, os cristãos (e os judeus) não foram libertos de sua ignorância até que Mohamad trouxe o Alcorão (Alcorão 98:1). Mohamad era o presente de Alá para os cristãos e judeus para corrigir os mal-entendidos. Eles devem aceitar Mohamad como Mensageiro de Alá e o Alcorão como sua revelação final (Alcorão 5:15; Alcorão 57:28; Alcorão 4:47).

O Alcorão inclui comentários positivos e negativos a respeito de cristãos e judeus. Num lado positivo, ele afirma que alguns cristãos e judeus são fieis e creem de verdade (Alcorão 3:113-14). No entanto, o mesmo capítulo diz que a prova de sua sinceridade é que os que são genuínos se tornarão muçulmanos (Alcorão 3:199).

Embora judeus e cristãos sejam considerados um na categoria 'Povo do Livro', os judeus aparecem como piores no Alcorão. Por exemplo, o Alcorão diz que os cristãos estarão 'mais próximos em amor' aos muçulmanos, mas os judeus e os pagãos terão maior inimizade contra os muçulmanos (Alcorão 5:82).

No entanto, o veredito final do Alcorão é negativo tanto para judeus como para cristãos. A condenação se manifesta em afirmações teológicas chave e está incluída nas orações diárias de todos os muçulmanos praticantes.

Orações diárias

O capítulo mais conhecido do Alcorão é o *al-Fatihah*, 'A Abertura'. Essa *sura* é recitada como parte de todas as

orações obrigatórias diárias – *salat* – e repetida em cada oração. O muçulmano fiel que faz todas as suas orações recita essa *sura* pelo menos dezessete vezes ao dia e mais de cinco mil vezes ao ano.

Al-Fatihah é uma oração pedindo orientação:

Em nome de Alá, o Misericordioso, o
Compassivo.

Louvado seja Alá, Senhor de Todos os Seres,
Todo-Misericordioso, Todo-Compassivo,
Soberano do Dia do Juízo.

Só a Ti servimos; e só de Ti imploramos socorro.

Guia-nos no caminho reto,

No caminho reto dos que agraciaste,

não o dos **abominados**, nem o dos **desviados**.

Essa é uma oração pedindo ajuda de Alá para guiar no ‘caminho reto’ aquele que crê. Como tal, ela é a verdade da mensagem central de orientação do islamismo.

Mas quem são as pessoas que mereceriam a abominação de Alá ou as que se desviaram do caminho reto? Quem são essas pessoas que merecem ser estigmatizadas em todas as orações dos muçulmanos, todos os dias, centenas de milhares de vezes na vida de tantos muçulmanos?

Mohamad esclarece o significado dessa *sura* dizendo ‘Aqueles que merecem abominação são os judeus e aqueles que se desviaram são os cristãos’.

É impressionante que as orações diárias dos muçulmanos, que estão no cerne do islamismo, incluam rejeição aos cristãos e judeus por estarem enganados e serem merecedores da ira de Alá.

Afirmações teológicas sobre os não muçulmanos

O Alcorão e a *Sunna* são mais do que rituais solenes; eles ensinam que:

1. Os cristãos e os judeus que se apegam ao seu shirk e continuam descrentes de Mohamad e seu monoteísmo – isto é, aqueles que não se convertem ao islamismo – irão para o inferno.
2. Os muçulmanos são superiores a outros povos – ‘o melhor povo’ – e seu papel é instruí-los a respeito do que é certo e errado, recomendar o que é honroso e proibir o que é vergonhoso (Alcorão 3:110).
3. O destino do islamismo é dominar todas as outras religiões (Alcorão 48:28).
4. Para alcançar esse domínio, os muçulmanos devem combater os judeus e cristãos (‘Povo do Livro’) até que sejam derrotados, humilhados e forçados a pagarem tributos à comunidade muçulmana (Alcorão 9:29).
5. No final dos tempos, o judaísmo e o cristianismo serão destruídos. Mohamad ensinou que quando Isa, o Jesus islâmico, voltar à Terra, ele destruirá o

cristianismo ('quebrar a cruz') e acabará com a tolerância aos cristãos que vivem sob o governo islâmico ('não haverá jizya'). Os estudiosos interpretam essa Hadith dizendo que Isa, o profeta muçulmano (isto é, Jesus) irá forçar os cristãos e os seguidores de outras crenças a se converterem ao islamismo na ponta da espada.

6. Além disso tudo, há numerosas afirmações teológicas específicas sobre os judeus. Por exemplo, Mohamad ensinou que, no final, as próprias pedras clamarão para ajudar os muçulmanos a matarem os judeus.

O engano lícito

Um dos aspectos mais problemáticos da *sharia* islâmica são seus ensinamentos sobre mentira e engano. Embora deva-se reconhecer que a mentira é um pecado grave no islamismo, há situações em que ela é permitida, segundo as autoridades islâmicas, com base no exemplo de Mohamad. Há várias circunstâncias distintas em que os muçulmanos têm permissão ou são obrigados a mentir. Por exemplo, um capítulo da *Sahih al-Bukhari* tem como título 'Aquele que promove a paz entre as pessoas não é mentiroso.' De acordo com esse exemplo de Mohamad, uma das circunstâncias em que o muçulmano pode dizer coisas que não são verdadeiras é quando a reconciliação entre as pessoas tiver um efeito positivo.

Um outro contexto para a mentira lícita é quando os muçulmanos estão em perigo entre não muçulmanos (Alcorão 3:28). É desse verso que vem o conceito de

taqiyya, que se refere à prática do engano para garantir a segurança dos muçulmanos.

O consenso entre os estudiosos muçulmanos tem sido que os muçulmanos, quando vivem sobre o domínio político de não muçulmanos, podem demonstrar cordialidade e bondade para com os não muçulmanos como medida de proteção contanto que mantenham sua fé firme (e a inimizade) em seus corações.

Uma das implicações dessa doutrina é que o comportamento dos muçulmanos praticantes em relação aos não muçulmanos seria menos amistoso e suas crenças menos veladas conforme seu poder político aumentasse.

Outras circunstâncias em que a lei da *Sharia* encoraja os muçulmanos a mentir são: entre marido e mulher para manter a harmonia conjugal; na resolução de disputas; quando falar a verdade pode incriminar você; quando alguém confiou a você um segredo; e na guerra.

De forma mais geral, o islamismo apoia uma ética da mentira na qual os fins justificam os meios. Por exemplo, alguns estudiosos diferenciam, de forma sutil, as várias formas de mentira, dando a impressão errada de que é preferível falar uma simples mentira.

Uma comunidade prejudicada em sua ética

Uma ética utilitária em relação à mentira e à verdade pode ser muito prejudicial. Ela destrói a confiança e cria confusão, causando danos às culturas domésticas e

políticas. Se os maridos têm o hábito de mentir para suas esposas para ‘suavizar as diferenças’, a confiança no casamento será então destruída. Em nível social, a cultura de engano lícito causa ruptura na confiança. Isso significa que fazer negócio custa mais caro, os conflitos são mais prolongados e a reconciliação é mais difícil de ser alcançada.

Pense bem

Por causa da forma como o conhecimento é organizado e até guardado no islamismo, pode ser difícil saber o que ele ensina ‘de fato’ a respeito de certos assuntos.

As fontes primárias do islamismo são extensas e complexas, e o processo de criação de regras da *Sharia* a partir de fontes do Alcorão e da *Sunna* é considerado um trabalho altamente especializado, exigindo muito anos de treinamento, algo que a vasta maioria dos muçulmanos não é capaz de alcançar. Isso significa que, de um ponto de vista prático, é comum os muçulmanos dependerem de seus acadêmicos para terem orientação nas questões da fé. De fato, a jurisprudência islâmica instrui os muçulmanos a buscarem e seguirem quem é mais conhecedor das questões da fé. Se os muçulmanos tiverem alguma dúvida sobre a lei da *Sharia*, eles devem perguntar a alguém que possua o conhecimento necessário.

O conhecimento islâmico não é democratizado como o conhecimento bíblico nos últimos séculos. No islamismo, certas coisas não são discutidas se não houver a necessidade de mencioná-las ou no caso de colocar o islamismo numa

situação desfavorável: as informações sobre o islamismo são disponibilizadas conforme se torna necessário sabê-las.

No entanto, os muçulmanos e ex-muçulmanos não devem se sentir intimidados por afirmações sobre o islamismo, o Alcorão ou a *Sunna* de Mohamad se não puderem dar sua opinião sobre esses assuntos. Nesta época em que material de fonte primária sobre isso está mais disponível como nunca, cristãos, judeus, ateus e muçulmanos devem aproveitar toda oportunidade para se informar e comunicar sua visão sobre esses assuntos que afetam a todos nós.

CAPÍTULO 3

O Pacto da *Dhimma*

As Três Opções

Em 2006, quando o Papa Bento XVI fez o seu famoso discurso de Regensburg, ele citou o Imperador Manuel II Paleólogo que falou sobre a ‘ordem de Mohamad de propagar, pela espada, a fé que pregava.’

Os comentários do Papa causaram uma reação firme dos muçulmanos em todo o mundo. Uma das respostas mais interessantes foi a do Sheik ‘Abdul Aziz al-Sheikh, Grande Mufti da Arábia Saudita, que divulgou uma nota à imprensa afirmando que o islamismo não foi propagado pela violência. Ele argumentou que é errado acusar o islamismo disso porque os infiéis tinham uma terceira opção. A primeira era o islamismo, a segunda, a espada, mas a terceira, em suas próprias palavras, era:

‘sujeitar-se e pagar impostos, e eles poderiam permanecer em sua terra, seguindo sua religião sob a proteção dos muçulmanos.’

O Grande Mufti chamou a atenção de seus leitores para o exemplo de Mohamad. Ele disse ‘Aqueles que leem o Alcorão e a *Sunna* conseguem entender os fatos.’ As três opções às quais o mufti se referia eram:

- i. converter-se ao islamismo
- ii. a espada – matar ou morrer; ou
- iii. sujeitar-se às forças do islamismo.

As duas primeiras opções remetem à Mohamad, que disse:

Fui ordenado (por Alá) a lutar contra as pessoas até que elas testifiquem que ninguém pode ser adorado além de Alá e que Mohamad é o Mensageiro de Alá,... assim, se fizerem tudo isso, salvarão então suas vidas e suas propriedades de mim...

No entanto, isso foi suavizado por outras afirmações em que Mohamad ofereceu uma outra opção, além do islamismo ou da espada, que era sujeitar-se e pagar o tributo da *jizya*:

Lute no nome de Alá e no caminho de Alá.
Lute contra aqueles que não creem em Alá. Faça guerra santa...

Quando encontrar seus inimigos que são politeístas, convide-os a três linhas de ação.

Se aceitarem uma delas, aceite-os e evite causar-

lhes dano.
Convide-os a (aceitarem) o islamismo;
Se eles concordarem, aceite-os
E desista de lutar contra eles...
Se recusarem-se a aceitar o islamismo, exija deles a
jizya.
Se concordarem em pagar, aceite deles e retenha
suas mãos.
Se recusarem-se a pagar imposto, busque a ajuda
de Alá e combata-os.

Em *A Terceira Opção*, o que o Grande Mufti chamou de 'fatos' encontrados no Alcorão e na *Sunna* são explicados de acordo com as interpretações dos grandes comentaristas islâmicos e vividos por não muçulmanos que estão sob a lei da *Sharia* por toda a história.

As comunidades que se sujeitaram ao controle islâmico são consideradas, pela lei islâmica, como tendo aceito o pacto da *dhimma*, que é uma aliança de sujeição na qual a comunidade não muçulmana concorda em pagar tributo anual aos muçulmanos e adota uma atitude humilde de derrota. Em troca, os não muçulmanos têm permissão de manterem a fé que tinham antes da conquista. Os não muçulmanos que vivem nessas condições são conhecidos como *dhimmis*.

O sistema da *dhimma* é uma manifestação política de dois princípios baseados no Alcorão: i) que o islamismo deve triunfar sobre as outras religiões (Alcorão 48:28) e ii) que os muçulmanos devem estar em posição de poder para impor o ensinamento do islamismo sobre certo e errado (Alcorão 3:110).

O ritual de pagamento da jizya

Na lei islâmica – lei da *Sharia* – o pacto da *dhimma* trata os não muçulmanos como pessoas cujas vidas teriam sido perdidas se os muçulmanos não os tivessem poupado. Essa é uma ideia pré-islâmica de que se você conquistasse alguém e permitisse que essa pessoa vivesse, ela lhe deveria a própria cabeça. Por causa disso, o imposto anual per capita da *jizya*, pago pelos homens adultos *dhimmi* ao estado islâmico, é descrito em fontes de autoridade islâmica como uma redenção paga pelos *dhimmis* em troca de seu sangue. Os lexicógrafos islâmicos definem a *jizya* como sendo:

...o imposto cobrado do não muçulmano livre por um governo muçulmano onde ratificam o compacto [o pacto da *dhimma*] que lhes garante a segurança, **como se fosse uma compensação por não terem sido mortos.** (Léxico Árabe-Ingês de Lane)

At-Fayyish, um comentarista algeriano do século 19, explica esse princípio em seu comentário do Alcorão 9:29:

“Foi dito: ela [*jizya*] é a reparação por seu sangue. É dito ‘X’ satisfez...para compensar por não ter sido morto. Seu propósito é substituir suas obrigações (*wajib*) de morte e escravidão... É para o benefício dos muçulmanos.”

Ou, conforme explicou William Eton mais de um século antes em sua sucinta *Survey of the Turkish Empire* [Pesquisa sobre o Império Turco], publicada em 1799:

Nas próprias palavras de seu conjunto de regras, dado aos cristãos subordinados a respeito do pagamento per capita de imposto [*jizya*], importa que a quantia recebida seja cobrada como compensação por ser-lhes permitido usar suas cabeças naquele ano.

A Terceira Opção explica o simbolismo poderoso do ritual de pagamento de imposto anual da *jizya*. Homens *dhimmis* tinham que passar por esse ritual em todo o mundo muçulmano até os tempos modernos. O ritual incluía um ou dois golpes no pescoço e, em muitas versões, uma forma de estrangulamento ritualista significando que o *dhimmi* está pagando com imposto por sua vida. O ritual era uma encenação da morte que foi vencida com o pagamento de indulto anual com a *jizya*. *A Terceira Opção* faz dezenas de referências a esse ritual de decapitação, de Marrocos a Bucara, do século 9 ao século 20, tiradas de fontes muçulmanas e não muçulmanas. O ritual permaneceu em alguns países muçulmanos como o Iêmen e o Afeganistão até o êxodo dos judeus para Israel no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 e, em anos recentes, tem havido muitos apelos para que ele seja restabelecido.

Basicamente, os não muçulmanos são considerados, pela lei clássica islâmica, pessoas que devem suas vidas aos conquistadores muçulmanos. Espera-se que eles adotem uma atitude de gratidão e humilhação: os comentaristas islâmicos são bem explícitos a esse respeito.

Muitos regulamentos da *Sharia* foram elaborados para impor inferioridade e vulnerabilidade aos não muçulmanos. Por exemplo:

- O testemunho dos *dhimmis* não é aceito nos tribunais da *Sharia*: isso fez com que eles se tornassem vulneráveis a todo tipo de opressão;
- As casas dos *dhimmis* tinham que ser mais baixas que as casas dos muçulmanos;
- Os *dhimmis* não tinham permissão de andar a cavalo ou levantar sua cabeça acima da dos muçulmanos;
- Os *dhimmis* não podiam usar qualquer meio de autodefesa: isso os tornou vulneráveis a atos de violência nas mãos dos muçulmanos;
- Não era permitido expor símbolos ou rituais em público;
- Não era permitido fazer qualquer crítica ao islamismo;
- Os *dhimmis* tinham que se vestir de forma diferente: os retalhos coloridos foram inventados pelos muçulmanos;
- Havia também muitas outras leis que impunham a humilhação e segregação nas comunidades não muçulmanas.

Tais leis eram entendidas como uma expressão social e legal de ‘diminuir-se’, como manda o Alcorão (9:29).

O sistema *dhimma* foi elaborado para reduzir e rebaixar as comunidades não muçulmanas que ele subjuga. O comentarista marroquino do século 18, Ibn’ Ajibah descreveu o propósito do sistema – em um texto escavado,

traduzido e publicado pela primeira vez em *A Terceira Opção* – como sendo o assassinato da alma:

[O *dhimmi*] deve matar sua alma, seu futuro e seus desejos. Acima de tudo, ele deve matar seu amor pela vida, liderança e honra. [O *dhimmi*] deve inverter os desejos de sua alma, deve colocar tanto peso nela que não consiga mais suportar até o ponto de estar completamente submissa. Assim, nada será insuportável para ele. Ele será indiferente à opressão ou ao poder. A pobreza e a riqueza serão a mesma coisa para ele; elogio e insulto serão o mesmo; prevenir e ceder serão o mesmo; perdido e achado serão o mesmo. Assim, quando todas as coisas forem iguais, ela [a alma] será submissa e cederá de bom grado o que deve dar.

Na lei islâmica, havia uma pena severa para o não cumprimento do pacto da *dhimma*. Se um *dhimmi* deixasse de pagar o imposto da *jizya* ou não obedecesse às regras impostas aos *dhimmis*, a pena era o reinício da *jihad*. Isso significava condições de guerra: as posses dos *dhimmis* eram saqueadas, as suas mulheres, escravizadas e estupradas e os homens eram mortos (ou convertidos na ponta da espada).

Um famoso exemplo do pacto da *dhimma*, conhecido como o Pacto de Umar, inclui uma cláusula em que os cristãos invocam sobre si mesmos esta pena:

Estas são as condições que estabelecemos contra nós mesmos e contra os seguidores de nossa

religião em troca de segurança e proteção. Se quebrarmos qualquer uma dessas promessas que estabelecemos para seu benefício contra nós mesmos, nossa *Dhimmah* foi quebrada e vocês tem a permissão de fazer conosco o que é permitido às pessoas que são insubordinadas e rebeldes.

O mesmo argumento é apresentado por Ibn Qudama, que, em caso de não cumprimento do pacto da *dhimma*, o *dhimmi* perderá sua vida e suas posses:

Uma pessoa protegida que viola seu acordo de proteção, seja recusando-se a pagar o imposto per capita [*jizya*] ou a submeter-se às leis da comunidade... torna sua vida e seus bens ‘lícitos’ [*halal* – disponível, sem reservas, para ser morto ou capturado pelos muçulmanos].

Como uma encenação ritualizada da decapitação de uma pessoa, o pagamento da *jizya* pode ser considerado um ‘pacto de sangue’ ou ‘juramento de sangue’, no qual o participante invoca a morte contra si mesmo através de simulação da forma de sua execução, no caso de não cumprirem as condições do seu pacto. Tais juramentos têm sido usados há séculos em cerimônias de iniciação em sociedades secretas e grupos de ocultismo, pois acredita-se que eles possuem poder psico-espiritual que escraviza os iniciados na submissão e obediência.

O ritual da *jizya* exige, de forma simbólica, o consentimento do *dhimmi* que participa desse ritual para que entregue sua cabeça caso viole quaisquer dos termos da aliança da *dhimma*, que poupou sua vida. É um ato de

amaldiçoar a si mesmo, que, na verdade, diz ‘Você tem o direito legal de pegar minha cabeça se eu quebrar qualquer uma das condições da minha aliança.’ Mais tarde, se um *dhimmi* violasse sua aliança, ele já teria decretado sua sentença de morte em virtude do ritual público pelo qual passou e, se ele fosse morto, seria por sua própria permissão dada anteriormente.

Em *A Terceira Opção*, inúmeros exemplos são apresentados das vezes em que comunidades *dhimmis* passaram por condições de *jihad* por violarem seu pacto da *dhimma*, de fato ou presumivelmente. A história de muitas comunidades *dhimmis* foi marcada por uma série de eventos históricos traumáticos envolvendo massacres, estupros e saques, o que serviu para colocar os não muçulmanos em perpétuo estado de intimidação e ajudou a reforçar a escravidão psicológica e espiritual da *dhimma* sobre toda uma comunidade.

Dhimmitude

O termo *dhimmitude* é usado para descrever a totalidade das condições produzidas pela aliança da *dhimma*. Assim como sexismo e racismo, *dhimmitude* não se expressa apenas em estruturas legais e sociais, mas em uma psicologia de inferioridade e vontade de servir, que a comunidade dominada adota numa tentativa de autopreservação. Conforme explica o grande estudioso judeu da Idade Média, Maioides, ‘Nós consentimos, tanto os velhos quanto os jovens, em nos habituar à humilhação...’, e, no início do século 20, Jovan Cvijic descreveu como o medo intergeracional da violência do

domínio dos turcos e albaneses muçulmanos produziu respostas psicológicas típicas de adaptação entre as populações cristãs nos Balcãs:

[eles ficaram] ... acostumados a pertencer a uma classe inferior e servil, cujo dever é tornar-se aceitável ao senhor, humilhar-se perante ele e servir-lhe. Essas pessoas tornam-se caladas, reticentes, astutas; perdem toda a confiança nos outros; acostumam-se com a hipocrisia e maldade porque isso se torna necessário para viver e evitar punições violentas.

A influência direta da opressão e da violência se manifesta, em quase todos os cristãos, como sentimentos de medo e apreensão. Na Macedônia ouvi as pessoas dizerem: 'Até nos nossos sonhos fugimos dos turcos e albaneses.'

A inferioridade do *dhimmi* corresponde à superioridade do muçulmano, que pensa ser generoso por ter concedido espaço ao *dhimmi* e evitado tomar suas posses. Como explicou um iraniano convertido ao cristianismo, o 'cristianismo' ainda é visto como a religião de uma classe inferior de pessoas. O islamismo é a religião dos senhores e dominadores, o cristianismo é a religião de escravos.'

A cosmovisão de *dhimmitude* é tão perniciosa para os muçulmanos quanto é humilhante para os não muçulmanos. Os muçulmanos se prejudicam quando estabelecem circunstâncias em que não têm qualquer possibilidade de aprenderem a competir em base de igualdade. Assim como o protecionismo econômico pode

causar a atrofia da habilidade competitiva de uma nação inteira, o ‘protecionismo religioso’ da *dhimma* pode significar que os muçulmanos dependem de um falso senso de superioridade que acaba por lhes enfraquecer e destruir sua habilidade de adquirir um verdadeiro entendimento de si próprios e do mundo ao seu redor.

O sistema de *dhimmitude* gera um conjunto profundamente enraizado de atitudes de ambos os lados, de geração a geração. Assim como o racismo nos Estados Unidos e em outras nações continua por mais de um século após a abolição da escravatura, a instituição da *dhimmitude* continua a afetar, e até a dominar, os relacionamentos entre os muçulmanos e outros, mesmo que o imposto da *jizya* seja uma lembrança distante. A dinâmica pode até afetar as relações entre as crenças, envolvendo as comunidades de minoria imigrante muçulmana em sociedades que nunca estiveram sujeitas à *Sharia*.

Dhimmitude do Ocidente

Um dos argumentos levantados em *A Terceira Opção* é que, num processo prolongado de subversão ideológica, as nações ocidentais estão, cada vez mais, colocando-se sob a cosmovisão da *dhimmitude*. Isso tem se manifestado, por exemplo, na longa lista de líderes ocidentais que têm elogiado o islamismo e declarado que ele é uma religião de paz, ao mesmo tempo em que expressam gratidão ao islamismo. Um exemplo memorável foi o discurso do Presidente Obama no Cairo em 2009 em que ele falou da ‘dívida’ que as civilizações têm ao islamismo. Assim como o *dhimmi* precisa sentir-se devedor de sua vida aos seus

conquistadores, a ‘civilização’ da *dhimmitude* deve sentir-se devedora ao islamismo.

A cosmovisão da *dhimmitude* também se manifesta em um padrão persistente de negação das realidades históricas e teológicas da *dhimma* como parte integrante do islamismo, sendo também uma característica dominante da história de povos conquistados que vivem sob o islamismo. Essa negação tem prejudicado a pesquisa acadêmica e o discurso político.

A *dhimmitude* no Ocidente não é um fenômeno novo. Boa parte da Europa sofreu com a *jihad* num passado não muito distante. A costa da França, Itália, Espanha, Irlanda e Inglaterra foi atormentada por piratas *jihadis* – corsários da Barbaria – até o início do século 19. Os historiadores estimam que centenas de milhares de europeus foram raptados pelos corsários e vendidos como escravos na costa da Barbaria entre os séculos 11 e 19. Até a anexação da Argélia pela França em 1830, as nações europeias pagavam altos tributos (considerados uma forma de *jizya* na lei islâmica) aos estados da Barbaria para limitar o comércio de escravos europeus.

Embora o medo do terror da *jihad* não seja para os europeus um fenômeno novo, sem dúvida o aumento recente de ataques terroristas *jihad* contribuiu significativamente para a intimidação e usurpação *dhimmitude* do Ocidente.

Perseguição religiosa e o retorno da *dhimma*

Durante os séculos 19 e 20, vários poderes europeus forçaram o mundo muçulmano a reduzir ou desfazer o sistema da *dhimma*. No entanto, em décadas recentes, as regras e a cosmovisão da *dhimma* tem ressurgido em todo o mundo islâmico e, com ela, um crescente clima de preconceito, intimidação e discriminação religiosa. Quando o Ocidente se recusa a ver a difícil situação dos cristãos no Paquistão, Iraque ou Egito, ele ajuda a mascarar a realidade da *dhimmitude* e sua crescente influência em questões mundiais.

CAPÍTULO 4

Mohamad e Rejeição

Mohamad é a raiz e o corpo do islamismo. Este capítulo oferece uma visão geral de várias características da história da vida de Mohamad que estão por detrás do pacto da *dhimma* e dos princípios do islamismo.

Um início doloroso

Mohamad nasceu por volta de 570 D.C. em uma tribo árabe em Meca. Seu pai, ‘Abdullah bin ‘Abd al-Muttalib, morreu antes de Mohamad nascer. Ele foi entregue a outra família para ser criado nos seus primeiros anos de vida. Sua mãe morreu quando ele tinha seis anos e seu poderoso avô cuidou dele por um tempo, mas ele também morreu quando Mohamad tinha oito anos. Assim, Mohamad foi morar com o irmão de seu pai, Abu Talib, onde recebeu a humilde tarefa de cuidar dos camelos e das ovelhas de seu

tio. Mais tarde, ele afirmaria: ‘Não há profeta, a não ser o que pastoreou um rebanho’, transformando seu papel humilde num sinal de honra.

Embora alguns dos tios de Mohamad fossem ricos, parece que não fizeram nada para ajudá-lo. O Alcorão expressa o desprezo por um dos tios, apelidado de Abu Lahab, ‘pai das chamas’: ele queimaria no inferno por causa do seu desprezo por Mohamad:

Que pereçam as mãos de Abu Lahab e que ele
pereça;
Sua riqueza de nada lhe serve, nem o que ele
ganhou;
Ele queimará nas chamas do fogo
E sua esposa carregará a lenha,
Em seu pescoço uma corda de fibra de palmeira.
(Alcorão 111)

Um casamento desigual

Ainda jovem, Mohamad tinha vinte e cinco anos e era empregado de Khadijah, quando esta lhe propôs casamento. Ela era mais velha do que ele. Khadijah tinha medo de que seu pai rejeitasse o casamento, então ela o fez celebrar o casamento quando ele estava embriagado. Quando ficou lúcido, o pai ficou furioso ao descobrir o que tinha acontecido.

Na cultura árabe, o homem tinha que pagar um dote pela noiva, daí ela era considerada uma propriedade, chegando ao cúmulo de ser incluída como parte do patrimônio dele e

seus herdeiros poderiam se casar com ela se desejassem. Em contraste à situação comum, Khadijah era poderosa e rica – o biógrafo de Mohamad, Ibn Ishaq, a chama de mulher ‘de dignidade e riqueza’ – e Mohamad era pobre e com pouca perspectiva. Khadijah já tinha sido casada duas vezes. O contraste entre o entendimento comum sobre o casamento e o acordo entre Khadijah e Mohamad é impressionante.

Um pai enlutado

Khadijah e Mohamad teriam, juntos, seis meninos (em alguns relatos, sete). No total, Mohamad teve três (ou quatro) filhos, mas todos morreram jovens, não lhe restando herdeiros. Isso, sem dúvida, foi uma fonte de frustração na experiência de vida familiar de Mohamad.

Experiências dolorosas da vida em família

Concluindo, as circunstâncias familiares de Mohamad tiveram vários traços potencialmente dolorosos, incluindo a perda dos pais e do avô, uma relação de dependência em sua pobreza, a celebração do casamento feita por um sogro embriagado e o fato de ter se transformado em alvo da hostilidade de parentes poderosos. As maiores exceções a esse padrão de rejeição foram o cuidado demonstrado a ele por seu tio Abu Talib e a escolha que Khadijah fez por ele como parceiro de casamento, o que o resgatou da pobreza.

Uma nova religião é fundada

Quando Mohamad tinha uns quarenta anos, ele começou a receber visitas de um espírito que ele identificou com o anjo Jibril (Gabriel da Bíblia).

Autorrejeição

Mohamad tornou-se extremamente angustiado por causa dessas visitas e questionou-se se estava possuído. Ele pensou até em suicídio, dizendo, 'Vou para o topo da montanha e me jogarei de lá para que eu morra e tenha descanso.' Sua esposa, Khadijah, o confortou de sua grande ansiedade e o levou ao seu tio, Waraqa, um homem cristão, que anunciou que Mohamad era profeta e não um louco.

Mais tarde, quando as revelações cessaram por um tempo, Mohamad pensou novamente em suicídio, mas toda vez que estava prestes a se jogar da montanha, Jibril aparecia para ele e lhe assegurava: 'Ó Mohamad! Você é de fato o Mensageiro de Alá em verdade.'

Parece que Mohamad temia ser rejeitado como impostor, pois em uma das *suras* mais antigas, Alá assegura a Mohamad que ele não o tinha abandonado e nem o faria (Alcorão 93:3-6).

No início, a comunidade muçulmana cresceu lentamente, sendo Khadijah a primeira convertida. O próximo convertido foi o jovem primo de Mohamad, 'Ali, que cresceu na própria casa de Mohamad. Outros surgiram, principalmente entre os pobres, escravos e escravos libertos.

A tribo de Mohamad

De início, a nova religião foi mantida em segredo por seus seguidores, mas depois de três anos Mohamad recebeu uma palavra de Alá para que a tornasse pública. Ele fez isso convocando uma conferência familiar na qual convidou seus parentes para seguirem o islamismo.

No início, os membros da tribo de Mohamad, chamada Quraysh, de Meca, mostraram-se dispostos a ouvi-lo até que ele começou a falar mal de seus deuses. Depois disso, os muçulmanos tornaram-se o que Ibn Ishaq chamou de 'uma minoria desprezada'. A tensão aumentou bastante e os dois lados começaram a brigar.

Conforme a rivalidade aumentava, o tio de Mohamad, Abu Talib, o protegia. Quando outros em Meca chegaram dizendo 'Ó, Abu Talib, seu sobrinho amaldiçoou nossos deuses, insultou nossa religião, ridicularizou nosso modo de vida ... ou você o impede de fazer isso ou permite que o peguemos ...,' Abu Talib os deteve.

Os árabes incrédulos instituíram um boicote econômico e social contra o clã de Mohamad, proibindo o comércio e casamento com eles. Por causa de sua pobreza, os muçulmanos eram vulneráveis. Ibn Ishaq resumiu o tratamento dos muçulmanos nas mãos dos Quraysh:

Assim os Quraysh mostraram sua inimizade a todos os seguidores do apóstolo; cada clã que tinha muçulmano os atacou, os encarcerou e os agrediu, não lhes permitindo receber comida ou bebida e os expôs ao calor escaldante de Meca para que os

seduzissem a abandonarem sua religião. Alguns cederam sob a pressão da perseguição e outros resistiram, sendo protegidos por Deus.

O próprio Mohamad não escapou dos perigos e insultos: jogaram terra nele e até intestinos de animal enquanto estava orando.

Como as perseguições não acabavam, oitenta e três homens muçulmanos e suas famílias emigraram como refugiados para a Abissínia, que era cristã, onde encontraram proteção.

Duvidando de si

A certa altura, Mohamad pareceu hesitar em seu monoteísmo, dada a pressão dos Quraysh. Eles lhe ofereceram um acordo no qual adorariam Alá se Mohamad adorasse os deuses deles. Ele não aceitaria o acordo ao receber os versos do Alcorão 109:6 'Tua religião para ti, para mim minha religião!' No entanto, Mohamad deve ter hesitado, pois al-Tabari registra que, conforme ele recebia Alcorão 53, foi-lhe 'revelado' o que ficou conhecido com o 'verso satânico' em referência às deusas de Meca, al-Lat, al-Uzza e Manat: 'esses são os *gharaniq* (a ave grou) cuja intercessão está aprovada'.

Quando ouviram esse verso, os Quraysh pagãos se alegraram e começaram a adorar com os muçulmanos. No entanto, o anjo Jibril corrigiu Mohamad: o verso foi anulado e considerado vindo da parte de Satanás. Mohamad divulgou então que o verso tinha sido retirado,

mas isso provocou mais desdém dos Quraysh, que se tornaram ainda mais hostis a Mohamad e a seus seguidores.

Depois disso, Mohamad recebeu o verso (Alcorão 22:52) que afirma que todos os profetas antes dele também foram desviados. Novamente vemos aqui Mohamad usando algo que teria o potencial de causar vergonha e o transforma em um sinal de honra.

Diante da zombaria e de acusações de que ele seria um impostor, o que o feriu profundamente, Mohamad recebeu versos de Alá legitimando-o e afirmando que seu caráter era notável, que não estava enganado, mas que era um homem de integridade. (Alcorão 68:1-4; 53:1-3)

Uma variedade de tradições também relata que Mohamad passou a crer na superioridade de sua raça, de sua tribo, de seu clã e de sua parentela. Em reação às afirmações de ilegitimidade, ele disse que todos os seus ancestrais nasceram nos laços do matrimônio, e nenhum deles nasceu fora, até Adão: ele era o melhor homem, do melhor clã (os Hachemitas) da melhor nação (os árabes). Ele disse 'Sou o melhor de vocês em espírito e o melhor de vocês em parentela. ... Sou a melhor escolha dos escolhidos; assim, quem ama os árabes, é através do amor a mim que os amam.'

Mais experiências de rejeição

As coisas não andaram bem por um tempo até que Mohamad perdeu sua esposa Khadijah e seu tio Abu Talib no mesmo ano. Esses foram dois grandes golpes. Sem o

apoio e proteção dos dois, os Quraysh tornaram-se ainda mais ousados na hostilidade contra ele.

A sociedade árabe foi estabelecida em torno de alianças e relacionamentos com clientes. A forma de se encontrar segurança era estar sob a proteção de alguém mais poderoso. Com o aumento dos perigos que ele e seus seguidores enfrentavam e, tendo sido rejeitado por sua própria tribo, Mohamad saiu em busca de protetores alternativos em outro lugar. Ele foi ridicularizado e zombado e, em Ta'if, foi perseguido por uma multidão.

As coisas não estavam favoráveis para Mohamad. Mesmo assim, ele acabou encontrando uma comunidade que estava disposta a protegê-lo. Essa era uma comunidade de árabes de Medina, uma cidade onde também viviam muitos judeus.

Novos aliados e a fuga de Meca

Durante uma feira anual em Meca, um grupo de visitantes de Medina juraram lealdade e obediência a Mohamad, concordando em viver de acordo com sua mensagem de monoteísmo.

Nesse primeiro voto, não foi feito nenhum compromisso de lutar. No entanto, na feira do ano seguinte, um grupo maior de Medina jurou proteção que Mohamad tanto buscava. Essas pessoas de Medina, que vieram a ser conhecidas como Ansar, ou 'ajudadores', prometeram fazer 'guerra em completa obediência ao apóstolo'.

Depois disso, ficou decidido que os muçulmanos migrariam para Medina para formarem um refúgio político. Mohamad foi o último a fugir de Meca, escapando durante a madrugada por uma janela traseira. Quando chegaram a Medina, Mohamad pode proclamar sua mensagem sem impedimento e virtualmente todos os árabes de Medina se converteram ao islamismo dentro de um ano. Mohamad tinha, nessa época, cinquenta e dois anos.

Durante os anos em Meca, Mohamad foi rejeitado por sua própria família e tribo. Com poucas exceções, somente os pobres creram nele, e ele foi ridicularizado, ameaçado, humilhado e atacado por todo o resto.

Mohamad era muito inseguro no princípio, com medo da rejeição do seu de chamado profético. Em um certo momento, ele pareceu até aceitar os deuses dos Quraysh. No entanto, Mohamad agiu com perseverança determinada e garantiu para si um grupo de seguidores dedicados.

Rejeição e as revelações de Meca

Testemunho pacífico?

Muitos escritores têm afirmado que a década de testemunho de Mohamad em Meca foi pacífica. De uma certa forma isso é verdade. Porém, embora não se ordene violência física nos capítulos de Meca do Alcorão, ela foi cogitada, e as primeiras revelações denunciam os vizinhos de Mohamad com uma linguagem aterrorizante,

anunciando terríveis tormentos para os que o rejeitariam a partir de então.

Uma das funções dos versos de julgamento de Meca no Alcorão era defender Mohamad face à rejeição aos árabes Quraysh. Por exemplo, Mohamad diz que aqueles que rirem dos muçulmanos receberão seu merecido castigo. Os que creem, sentados no luxo de seus sofás, bebendo vinho, no paraíso, rirão quando olharem para baixo e virem os incrédulos queimando no inferno (Alcorão 83:29-36).

Essas mensagens de julgamento, sem dúvida alguma, atearam fogo de conflito em Meca. Os pagãos não gostavam do que estavam ouvindo.

Advertido em Meca

Mohamad não apenas pregava o julgamento eterno; Ibn Ishaq registra que foi no início do período de Meca que Mohamad anunciou, pela primeira vez, sua intenção de matar os pagãos: ‘Irão me ouvir, Ó Quraysh? Por Aquele que segura minha vida em Sua mão, eu lhes trarei a matança.’

Mais tarde, um pouco antes de Mohamad fugir para Medina, um grupo de Quraysh veio até ele e o confrontou com a acusação de que estava ameaçando matar todos que o rejeitavam: ‘Mohamad acusa que ... se não o seguirem, vocês serão mortos e quando se levantarem dos mortos, serão queimados no fogo do inferno.’ Mohamad confessou que isso era verdadeiro: “Eu digo isso.”

A partir da tribulação de rejeição e perseguição em Medina, nasceu a decisão da comunidade muçulmana – confirmada por mandato divino – de ir à guerra contra os oponentes.

Vencedores e perdedores

O conceito islâmico de sucesso e a linguagem de vencedores e perdedores começou a surgir, pela primeira vez, como tema nas *suras* do Alcorão durante os treze anos de Mohamad em Meca. Nessa época, em repetidas referências aos conflitos entre Moisés e os idólatras egípcios, o Alcorão descreve os resultados em termos de vencedores e perdedores (Ex. Alcorão 20:64,69; Alcorão 26:40-44; Alcorão 29:39).

No entanto, foi apenas mais para o fim do período de Meca que Mohamad começou a ampliar a terminologia de sucesso à luta entre ele e seus oponentes. Na décima *sura*, do período imediatamente antes da migração para Medina, Mohamad declara que aqueles que rejeitam as revelações de Alá serão perdedores (Alcorão 10:95).

A cosmovisão *fitna* de Mohamad

A palavra árabe *fitna*, ‘provação, perseguição, tentação’ é de importância crucial para entender o processo de metamorfose de Mohamad em um líder militar. A palavra é derivada de *fātana*, ‘afastar-se de, instigar, seduzir ou sujeitar-se a provações’. Seu significado base é provar um metal no fogo. *Fitna* pode significar tanto tentação como

provação, estímulos positivos ou negativos e até tortura. Pode abranger seduzir alguém ou arrancar-lhe os membros.

Fitna tornou-se um conceito chave na reflexão teológica sobre as experiências da comunidade muçulmana primitiva com os incrédulos. A acusação de Mohamad contra os Quraysh foi que eles usaram *fitna* – incluindo insulto, difamação, tortura, exclusão, pressões econômicas e outros estímulos – para convencê-los a deixar o islamismo ou a diluir suas afirmações.

Os primeiros versos revelados sobre combate deixaram claro que todo propósito do combate e assassinato era a eliminação da *fitna*:

E combatarei na causa de Alá contra os que
combatem
contra vós,
mas não transgredi: Por certo Alá não ama os
transgressores,
E matais onde quer que vós os encontreis
e os expulsais de onde eles vos tenham expulso;
Porque a perseguição (*fitna*) é pior do que matar;

....

E combatei até que não haja perseguição (*fitna*);
E a religião seja Alá; Se eles desistirem [isto é,
cessar sua descrença e oposição ao islamismo],
Recordai que nenhuma hostilidade é permitida aos
agressores.

(Alcorão 2:190-93)

Ficou comprovada a importância da ideia de a *fitna* dos muçulmanos ser ‘pior do que matar’. A mesma expressão

seria revelada novamente após um ataque a uma caravana para Meca (Alcorão 2:217) durante o mês sagrado (um período em que as tradições tribais árabes proibiam os saques). No mínimo, significava que derramar sangue dos incrédulos é algo menos importante do que um muçulmano se desviar de sua fé.

Outra expressão significativa nessa passagem do Alcorão 2 é ‘combatei até que não haja *fitna*’. Isso também foi revelado uma segunda vez depois da batalha de Badr, durante o segundo ano em Medina (Alcorão 8:39).

Essas frases de *fitna*, cada uma revelada duas vezes, estabeleceu o princípio de que a *jihad* foi justificada pela existência de qualquer obstáculo para a conversão das pessoas ao islamismo ou de incentivos para que os muçulmanos abandonassem sua fé. No entanto, por pior que fosse combater e matar outras pessoas, sabotar ou obstruir o islamismo era pior.

Muitos estudiosos muçulmanos ampliaram o conceito de *fitna* para incluir até a mera existência de incredulidade, assim a expressão poderia ser interpretada como ‘incredulidade é pior do que matar’.

Entendida dessa forma, a expressão ‘*fitna* é pior do que matar’ tornou-se uma ordem universal para combater e matar todos os incrédulos que rejeitaram a mensagem de Mohamad, independente se estavam interferindo ou não com os muçulmanos. Para os incrédulos, simplesmente ‘cometer o ato da descrença’ – usando uma expressão do grande comentarista Ibn Kathir – seria um mal maior do que serem mortos. Isso garantiu a justificativa para a guerra

para eliminar a descrença e fazer com que o islamismo dominasse sobre todas as outras religiões (Alcorão 2:193; 8:39).

Implicações para os não muçulmanos

A raiz da rejeição dos descrentes à lei islâmica encontra-se na cosmovisão emotiva de Mohamad e em suas próprias reações à rejeição.

No início, Mohamad teve como foco a sua inimizade com os membros de sua própria tribo, os árabes pagãos. Podemos observar uma tendência no tratamento de Mohamad aos árabes pagãos na qual um senso de afronta nas provações impostas aos muçulmanos é usado para justificar a doutrina de que a mera existência da descrença constituiu *fitna*. A mesma tendência também se apresenta na forma com que Mohamad lidava com o Povo do Livro. Por rejeitarem o islamismo, eles se tornaram permanentemente marcados pela culpa, e merecedores da submissão e do tratamento inferior.

Outras reações à rejeição

Na história da carreira profética de Mohamad, observamos uma variedade de reações à rejeição.¹ No princípio, Mohamad mostrava reações de autorrejeição, incluindo

¹ Se quiser saber mais sobre o debate a respeito das respostas à rejeição, veja Noel & Phyl Gibson, 1987, *Evicting Demonic Squatters and Breaking Bondages* [Expulsando invasores demoníacos e quebrando cadeias].

pensamentos suicidas, medo de que estivesse possuído e desespero.

Há também reações de autovalidação como se quisesse combater o medo da rejeição. Nisso se incluem afirmações de que Alá iria punir os seus inimigos no inferno; alegações para encobrir questões potencialmente embaraçosas, tal como a afirmação de que todos os profetas se desviaram por causa de Satanás; e versos enviados por Alá que declaravam que aqueles que seguissem as revelações de Mohamad seriam vencedores nesta vida e na próxima.

Finalmente, as reações agressivas passaram a dominar. Isso acabou resultando na doutrina da *jihad* para eliminar *fitna* combatendo e conquistando os não muçulmanos.

Desforra

Conforme a força militar de Mohamad crescia em Medina e as vitórias começaram a acontecer, seu tratamento em relação aos inimigos derrotados deixou clara muita coisa a respeito de suas motivações para o combate. Um conhecido incidente foi o tratamento de Mohamad a 'Uqba, que, no passado, tinha jogado estrume e intestinos de camelo nele. 'Uqba foi capturado na batalha de Badr e implorou para que poupasse sua vida, dizendo 'Mas quem cuidará de meus filhos, Ó Mohamad?' A resposta foi 'O inferno!', e Mohamad mandou matar 'Uqba. Após a batalha de Badr, os corpos dos habitantes de Meca que tinham sido assassinados foram jogados numa vala, e Mohamad foi à vala durante a madrugada para zombar dos mortos de Meca.

Esses incidentes mostram que Mohamad procurou desforra e retaliação contra os que o rejeitaram. Ele insistiu em ter a última palavra, até mesmo diante dos mortos.

A conquista de Meca

Aqueles que rejeitavam Mohamad estavam sempre no topo da sua lista de assassinatos. Quando Mohamad conquistou Meca, ele desencorajou a matança. No entanto, havia uma pequena lista de pessoas que deveriam ser mortas em qualquer circunstância. Havia apóstatas, dois (sendo um deles uma mulher) que tinham insultado Mohamad em Meca, e duas escravas que costumavam cantar músicas satíricas sobre ele.

A lista de assassinatos de Meca reflete a repulsa de Mohamad por ter sido rejeitado. Os apóstatas personificavam a ameaça de *fitna* porque eram testemunhas da possibilidade de se deixar o islamismo, enquanto aqueles que ridicularizavam ou insultavam Mohamad eram perigosos porque tinham o poder de sabotar a fé dos outros.

O tratado de Hudaybiyyah

Antes da conquista de Meca, Mohamad teve uma visão na qual ele fazia uma peregrinação a Meca. Na época isso era impossível já que os muçulmanos estavam em estado de guerra com os moradores de Meca. Após a visão, Mohamad negociou um tratado que permitiria que ele fizesse essa peregrinação. O tratado duraria dez anos e uma das estipulações era que Mohamad mandaria de volta para

Meca qualquer um que viesse a ele sem a permissão de seu guardião. Isso incluiria escravos e mulheres. O tratado também permitia que as pessoas dos dois lados poderiam fazer alianças uns com os outros.

Mohamad, de sua parte, não cumpriu seu lado do tratado porque, quando as pessoas vinham a ele de Meca para buscar suas esposas e seus escravos, ele se recusava a devolver os fugitivos citando a autoridade de Alá. O primeiro caso foi de uma mulher, Umm Kulthum, cujos irmãos foram buscá-la. Mohamad negou, pois, conforme disse Ibn Ishaq, ‘Alá proibiu’ (Alcorão 60:10).

O Alcorão 60 instrui os muçulmanos a não terem amigos não muçulmanos. Ele diz que, se qualquer muçulmano amar os habitantes de Meca em segredo, esse terá se desviado: nesse caso, o desejo dos incrédulos é somente fazer com que os muçulmanos abandonaram a fé. Todo o texto do Alcorão 60 está em conflito com o espírito do tratado de Hudaybiyyah, que afirma que ‘Não demonstraremos inimizade uns para com os outros e não haverá reserva secreta ou má fé.’ No entanto, quando os muçulmanos atacaram e conquistaram Meca, diz-se que foi justificado porque os Quraysh violaram o tratado.

Depois disso, Alá declarou que não haveria mais tratados com idólatras – ‘Alá desistiu ... dos idólatras’, e que ‘matem os idólatras onde quer que os encontrem’ (Alcorão 9:3-5).

Essa sequência de eventos ilustra o que acabou tornando-se uma perspectiva consolidada islâmica, de que os incrédulos não muçulmanos eram, por natureza, desobedientes ao pacto, incapazes de manter alianças

(Alcorão 9:2-8). Ao mesmo tempo, Mohamad, seguindo instrução de Alá, afirmou seu direito de quebrar pactos com incrédulos. Quando Mohamad, alegando autoridade de um poder maior, violava seus acordos, isso não era considerado errado.

Tais incidentes revelam que Mohamad, relegando os incrédulos à categoria de quem seduz os muçulmanos para que desistam de sua fé (isto é, eles cometiam *fitna*), impossibilitou relacionamentos normais com eles enquanto se recusassem a aceitar o islamismo.

Lutando contra os judeus

As interações de Mohamad com os judeus de Medina e Khaybar servem de base para o desenvolvimento posterior do pacto de *dhimma* para o ‘Povo do Livro’.

A visão inicial de Mohamad sobre os judeus

Durante o período de Meca, o interesse inicial que Mohamad tinha nos judeus era em relação à sua afirmação de que ele era um profeta de uma longa lista que incluía muitos profetas judeus. Nas *suras* de Meca e nas revelações dos primeiros meses em Medina, há relativamente poucas referências aos judeus. Quando o Alcorão se referia aos judeus de Meca, era para demonstrar que, embora alguns deles cressem e outros não, a mensagem de Mohamad seria uma bênção para eles (Alcorão 98:1-8).

Mohamad encontrou também alguns cristãos na época de Meca e esses contatos foram encorajadores. O primo cristão de Khadijah, Waraqa, tinha identificado Mohamad como um profeta e os cristãos da Abissínia que o conheceram em Meca tinham crido nele. Talvez ele esperasse que os judeus também reagissem de forma positiva à sua mensagem, discernindo nele um ‘Sinal Claro’ de Alá (Alcorão 98). De fato, Mohamad disse que o que ele ensinava era o mesmo que a religião judaica, incluindo ‘fazer orações’ e pagar o *zakat* (Alcorão 98:5). Ele até orientou seus seguidores a orarem voltados para ‘Síria’, que era interpretado como sendo Jerusalém, imitando o costume judaico.

Quando Mohamad chegou a Medina, a tradição islâmica registra que ele tinha estabelecido uma aliança da qual os judeus faziam parte. Essa aliança reconhecia a religião judaica, ‘os judeus têm sua religião e os muçulmanos, a sua’ e ordenava a lealdade dos judeus para com os muçulmanos.

Oposição em Medina

Mohamad começou a apresentar sua mensagem aos judeus residentes em Medina, mas encontrou uma resistência inesperada. A tradição islâmica atribui isso à inveja. Algumas revelações de Mohamad incluíam referências bíblicas e, sem dúvida, os rabinos contestavam esse material, apontando para contradições nas interpretações de Mohamad.

O profeta do islamismo achava as perguntas dos rabinos preocupantes e, algumas vezes, ele recebia mais texto do

Alcorão vindo do alto para muni-lo de respostas. Cada vez mais, quando era desafiado com um questionamento, ele transformava o incidente em uma oportunidade de autovalidação refletida nos versos do Alcorão.

Uma das estratégias mais simples de Mohamad era afirmar que os judeus eram enganadores citando passagens convenientes, mas escondendo outras que não ajudariam a causa deles (Alcorão 36:76; Alcorão 2:77).

Outra resposta de Alá foi que os judeus tinham falsificado, de propósito, seus textos sagrados (Alcorão 2:75).

As conversas dos rabinos com Mohamad eram interpretadas pela tradição islâmica não como diálogo genuíno ou respostas razoáveis às afirmações de Mohamad, mas como *fitna*, ou uma tentativa de destruir o islamismo e a fé dos muçulmanos.

Uma teologia hostil dos que rejeitam

As conversas frustrantes de Mohamad com os judeus deixam clara sua crescente hostilidade a eles. Enquanto no passado alguns versos tinham dito que alguns judeus criam, agora o Alcorão declarava que toda a raça judaica tinha sido amaldiçoada e somente alguns poucos criam de verdade (4:46).

O Alcorão anunciava que, no passado, alguns judeus tinham sido transformados em macacos e porcos por causa de seus pecados (Alcorão 7:166; Alcorão 5:60; Alcorão 2:65). Alá também os chamava de matadores de profetas

(Alcorão 5:70). Alá tinha renunciado ao seu relacionamento com os judeus por terem quebrado a aliança, endurecendo seu coração, de modo que os muçulmanos sempre podiam esperar que os judeus fossem traiçoeiros (exceto alguns) (Alcorão 5:13). Por quebrarem sua aliança, os judeus são considerados ‘perdedores’ que desprezaram sua verdadeira orientação (Alcorão 2:27).

Antes de Mohamad ir para Medina, suas revelações sugeriam que o judaísmo era válido (Alcorão 2:62). No entanto, esse verso foi anulado pelo Alcorão 3:85. Em Medina, Mohamad começou a ver que tinha sido enviado para corrigir os erros dos judeus (Alcorão 5:115). Ele concluiu que sua vinda tinha anulado o judaísmo, que o islamismo que ele tinha apresentado era a religião final e que o Alcorão era a última revelação. Todos os que rejeitassem sua mensagem seriam ‘perdedores’ (Alcorão 3:85). Não seria mais aceitável que os judeus – ou os cristãos – seguissem sua antiga religião: eles tinham que reconhecer Mohamad e tornar-se muçulmanos também.

Nos versos do Alcorão, Mohamad lançou um ataque teológico frontal ao judaísmo. Isso surgiu porque Mohamad considerou a rejeição dos judeus à sua mensagem uma profunda ofensa. Isso representou mais uma autovalidação de Mohamad, do mesmo jeito que fez com os idólatras de Meca. Mohamad então foi mais longe reagindo também com agressividade.

A rejeição vira violência

Em Medina, Mohamad começou uma campanha para intimidar e, finalmente, eliminar os judeus. Encorajado pela vitória sobre os idólatras de Badr, ele visitou a tribo judaica Qaynuqa' e os ameaçou com a vingança de Deus. Como desculpa, ele então sitiou os judeus Qaynuqa' e os expulsou de Medina.

Mohamad então deu início a uma série de assassinatos específicos de judeus e deu uma ordem a seus seguidores de 'Matar qualquer judeu que esteja em seu poder.' Aos judeus, ele anunciou *aslim taslam*: 'aceite o islamismo e estarão salvos'.

O entendimento de Mohamad passou por uma profunda mudança. Os não muçulmanos tinham direito à sua propriedade e à vida somente se apoiassem e honrassem o islamismo e os muçulmanos. Qualquer outra coisa seria *fitna* e um pretexto para combatê-los.

A tarefa de Mohamad de lidar com os judeus não tinha acabado ainda. Os Banu Nadir eram os próximos da lista a receber sua atenção. A tribo toda de Nadir foi acusada de quebrar sua aliança, por isso foram atacados e, após um longo período sitiados, foram também expulsos de Medina, abandonando suas propriedades como despojo de guerra para os muçulmanos.

Depois disso, Mohamad sitiou a última tribo judaica restante, Qurayza, com base na ordem do anjo Gabriel. Quando os judeus se renderam incondicionalmente, os homens foram decapitados na praça do mercado de Medina

– de seis a nove mil, segundo relatos variados – e as mulheres e crianças judias foram distribuídas como espólio de guerra (isto é, como escravas) entre os muçulmanos.

Mohamad ainda não tinha acabado com os judeus da Arábia. Depois de limpar Medina de sua presença, ele atacou Khaybar. A campanha de Khaybar começou com um cenário de duas opções: converter-se ou morrer. No entanto, quando os muçulmanos derrotaram os judeus de Khaybar, uma terceira opção foi negociada: sujeição condicional. Assim, os judeus de Khaybar tornaram-se os primeiros *dhimmis*.

Aqui concluímos nossa discussão sobre as relações de Mohamad com os judeus. É importante notar que o Alcorão trata judeus e cristãos da mesma forma, como representantes de uma única categoria, o ‘Povo do Livro’. O tratamento dos judeus no Alcorão e na vida de Mohamad, como o ‘Povo do Livro’, tornou-se também o modelo de tratamento dos cristãos ao longo da história.

‘Nós somos as vítimas’

Um dos temas do programa de Mohamad era a ênfase na vitimização dos muçulmanos. Para sustentar a posição teológica de que conquista é libertação é necessário buscar embasamento para tornar o inimigo que não crê culpado e merecedor de ataques. Da mesma forma, quanto mais extrema a punição, mais necessário se torna insistir na culpa do inimigo. Já que, por decreto divino, os sofrimentos dos muçulmanos eram ‘piores que a matança’, tornou-se obrigatório para os muçulmanos considerar sua vitimização

algo maior do que qualquer outra coisa que eles infligem sobre os inimigos. A maior vitimização dos muçulmanos tornou-se uma necessidade doutrinária, um traço do ‘compasso da fé’ para os muçulmanos.

É essa raiz teológica, embasada no Alcorão e na *Sunna* de Mohamad, que explica por que, repetidas vezes, alguns muçulmanos têm insistido que sua vitimização é maior do que a dos que eles atacam. Essa mentalidade foi demonstrada por Ahmad bin Muhammad, professor argelino de Política Religiosa, em um debate com Dr. Wafa Sultan na TV Al-Jazeera. Enfurecido pelos argumentos do Dr. Sultan, ele começou a gritar:

Nós somos as vítimas! ... Há milhões de inocentes entre nós [muçulmanos], enquanto os inocentes entre vocês ... somam apenas dezenas, centenas ou milhares, no máximo.

A mentalidade de vítima continua a assolar muitas comunidades muçulmanas até hoje, e enfraquece sua capacidade de assumir responsabilidade por seus atos.

Mohamad, o rejeitador

Isso conclui nossa visão geral sobre a história de rejeição de Mohamad, tanto a que foi recebida quanto a que foi imposta aos outros, e sua autojustificada busca pela vitória sobre seus inimigos.

Como vimos, o profeta do islamismo passou por rejeição em muitos níveis: em suas circunstâncias familiares, em sua

própria comunidade em Meca e pelos judeus de Medina. As reações de Mohamad passaram por autorrejeição, depois por autovalidação e, finalmente, por agressão. Mohamad, o órfão, tornou-se o fazedor de órfãos. Aquele que duvidava de si próprio, que pensou em suicídio porque angustiava-se por achar que estava sendo atormentado por demônios, tornou-se o maior rejeitador, impondo seu credo com o poder das armas para suplantar e substituir todas as outras crenças.

Na cosmovisão emocional de Mohamad, a derrota e a degradação dos incrédulos ‘curaria’ os sentimentos de seus seguidores e aplacaria sua ira. Essa ‘paz islâmica’ curadora, conquistada através da batalha, está descrita no Alcorão (9:14-15).

No princípio, Mohamad e seus seguidores passaram, de fato, por perseguição nas mãos dos politeístas de Meca, mas, quando ele assumiu o poder em Medina, Mohamad começou a considerar a própria descrença em seu status de profeta como sendo perseguição e autorizou o uso de violência para lidar com os incrédulos e zombadores – não importando se fossem politeístas, judeus ou cristãos – para que eles fossem silenciados ou intimidados até que se sujeitassem. Mohamad instituiu um programa ideológico e militar que eliminou sistematicamente todas as manifestações de rejeição expressas contra ele e sua comunidade religiosa. Ele afirmou que o sucesso do seu programa confirmava e justificava seu status de profeta.

O Alcorão estabelece marcos na progressão da carreira profética de Mohamad. Dessa forma, o Alcorão se revela como o documento profundamente pessoal de Mohamad,

um registro de seu crescente senso de hostilidade e agressão face à rejeição. As características que foram impostas sobre os não muçulmanos, como o silêncio, a culpa e a gratidão, podem ser fundamentadas na evolução das reações do próprio Mohamad à rejeição e na sua imposição violenta do fracasso e da rejeição sobre todos os que se recusam a confessar 'Eu creio que não há outro deus senão Alá, e que Mohamad é seu profeta.'

CAPÍTULO 5

Jesus, o Varão de Dores

O Varão de Dores

A vida de Jesus, não menos que a de Mohamad, é uma história de rejeição que culminou com a Cruz. Mohamad reagiu à perseguição com retaliação; a reação de Cristo foi completamente diferente.

Assim como Mohamad, as circunstâncias familiares de Jesus estavam longe do ideal. Quando nasceu, o estigma de ser ilegítimo pesava sobre ele (Mateus 1:18-25). Ele nasceu em circunstâncias humildes, em um estábulo (Lucas 2:7). Logo após seu nascimento, o Rei Herodes tentou matá-lo. Depois disso, tornou-se refugiado ao fugir para o Egito (Mateus 2:13-18).

Jesus é questionado

Quando Jesus começou seu ministério de ensino em torno dos trinta anos de idade, ele enfrentou muita oposição. Assim como Mohamad, os líderes religiosos faziam perguntas a Jesus com intenção de o desafiar e minar sua autoridade:

“... os fariseus e os mestres da lei começaram a opor-se fortemente a ele e a interrogá-lo com muitas perguntas, esperando apanhá-lo em algo que dissesse.” (Lucas 11:53-54).

Essas perguntas eram em relação a:

- por que Jesus estava ajudando as pessoas no sábado: essa pergunta era para mostrar que ele estava quebrando a lei (Marcos 3:2; Mateus 12:10);
- que autoridade ele tinha para fazer as coisas que fazia (Marcos 11:28; Mateus 21:23; Lucas 20:2);
- se era lícito um homem se divorciar de sua esposa (Marcos 10:2; Mateus 19:3);
- se era lícito pagar impostos a César (Marcos 12:15; Mateus 22:17; Lucas 20:22);
- qual era o maior mandamento (Mateus 22:36);
- de quem o Messias era filho? (Mateus 22:42);
- a paternidade de Jesus (João 8:19);
- a ressurreição (Mateus 22:23-28; Lucas 20:27-33);

- pedidos para mostrar sinais (Marcos 8:11; Mateus 12:38; 16:1).

Além dessas perguntas, Jesus foi acusado de:

- estar endemoninhado, de ‘ter Satanás’ e de fazer milagres com o poder de Satanás (Marcos 3:22; Mateus 12:24; João 8:52, 10:20);
- ter discípulos que não observavam o sábado (Mateus 12:2) ou os rituais de purificação (Marcos 7:2; Mateus 15:1-2; Lucas 11:38); e
- dar testemunho inválido (João 8:13).

Os que rejeitaram

Quando consideramos a vida e o ensino de Jesus, vemos que ele experimentou rejeição por parte de muitas pessoas e grupos diferentes:

- O Rei Herodes tentou matá-lo quando ele ainda era um bebê (Mateus 2:16).
- As pessoas de sua própria vila de Nazaré se enfureceram com ele (Marcos 6:3; Mateus 13:53-58) e tentaram jogá-lo de um precipício para matá-lo (Lucas 4:28-30).
- Seus próprios familiares o acusaram de estar louco (Marcos 3:21).
- Muitos de seus seguidores o abandonaram (João 6:60).

- Uma multidão tentou apedrejá-lo (João 10: 31).
- Os líderes religiosos planejaram matá-lo (João 11:50).
- Ele foi traído por Judas, um dos homens de seu círculo de amizade (Marcos 14:43 em diante, Mateus 26:14-16; Lucas 22:1-6; João 18:2-3).
- Pedro, seu principal discípulo, o negou três vezes (Marcos 14:66-72; Mateus 26:69-75; Lucas 22:54-62; João 18).
- Uma multidão em Jerusalém exigiu sua crucificação, justamente a cidade que o tinha recebido com brados de alegria poucos dias antes, como o possível Messias (Marcos 15:12-15; Lucas 23:18-23; João 19:15).
- Ele foi espancado, cuspido e ridicularizado pelos líderes religiosos (Marcos 14:65; Mateus 26:67-8).
- Ele foi ridicularizado e abusado pelos soldados romanos (Marcos 15:16-20; Mateus 27:27-31; Lucas 22:63-65, 23:11).
- Ele foi acusado injustamente perante os tribunais judeus e romanos e foi condenado à morte (Marcos 14:53-65; Mateus 26:57-67; João 18:28 em diante).
- Ele foi crucificado, a forma de execução mais degradante dos romanos, e que era considerada pelos judeus uma punição que implicava a maldição de Deus (Deuteronômio 21:23).
- Tendo sido colocado entre dois ladrões, Jesus foi insultado enquanto sofria agonia de morte na cruz

(Marcos 15:21-32; Mateus 27:32-44; Lucas 23:32-36; João 19:23-30).

As reações de Jesus à rejeição

Ao considerarmos todas essas rejeições, vemos que Jesus não era agressivo nem violento. Ele não procura se vingar.

Algumas vezes Jesus simplesmente se calava perante as acusações contra si, sendo a mais conhecida delas a que ocorreu quando foi condenado à cruz (Mateus 27:14). A igreja primitiva considerava isso como o cumprimento de uma profecia messiânica:

Ele foi oprimido e afligido, contudo não abriu a sua boca; como um cordeiro foi levado para o matadouro, e como uma ovelha muda diante de seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca. (Isaías 53:7)

Quando Jesus era desafiado a provar quem era, algumas vezes ele se recusava a fazê-lo, preferindo fazer uma pergunta (exemplo: Mateus 21:24; 22:15 em diante). Ele não era de briga, embora, muitas vezes, as pessoas tentavam arrumar briga com ele:

Não discutirá nem gritará; ninguém ouvirá sua voz nas ruas. Não quebrará o caniço rachado, não apagará o pavio fumegante, até que leve à vitória a justiça. (Mateus 12:19-20, citando Isaías 42:1-4)

Quando as pessoas queriam apedrejar Jesus ou matá-lo, ele simplesmente ia para outro lugar, (Lucas 4:30), exceto nas situações que o levariam à cruz, já que enfrentaria a sua morte de modo voluntário.

A questão principal em relação a essas reações é que, quando Jesus foi tentado nas experiências de rejeição, ele resistiu à tentação e não sucumbiu à rejeição. A carta aos Hebreus resume suas reações da seguinte forma:

...pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado.
(Hebreus 4:15,16)

A imagem que temos de Jesus nos evangelhos é de alguém que era autoconfiante e de bem consigo mesmo, que não tinha necessidade de matar todos os que se colocavam contra ele. Jesus não só reagia bem à rejeição, mas também ensinou a seus discípulos parâmetros teológicos para reagirem à rejeição, para, de fato, rejeitarem a rejeição. Os principais elementos dessa teologia estão descritos abaixo.

A teologia de rejeição de Jesus

Abrace a rejeição

Jesus deixou claro que ser rejeitado era parte essencial de sua vocação como o Messias de Deus. Deus planejou usar aquele que foi rejeitado como pedra angular de todo o seu edifício:

A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular.... (Marcos 12:11, citando o Salmo 118:22-23. Confira com Mateus 21:42.)

Jesus foi identificado (exemplos 1 Pedro 2:21 em diante e Atos 8:32-35) como o que foi rejeitado, o servo sofredor de Isaías; através de seu sofrimento, as pessoas iriam encontrar paz e salvação de seus pecados:

Foi desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de tristeza e familiarizado com o sofrimento.

...

Mas ele foi transpassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa de nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. (Isaías 53:3-5)

A cruz foi a parte central desse plano, e Jesus referiu-se várias vezes ao fato de que seria morto:

Então ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse morto e três dias depois ressuscitasse. Ele falou claramente a esse respeito... (Marcos 8:31-32; Confira também Marcos 10:32-34; Mateus 16:21; 20:17-19, 26:2; Lucas 18:31; João 12:23)

Rejeite a violência

Jesus condenou explícita e repetidamente o uso de força para alcançar seus alvos, mesmo quando sua própria vida estava em jogo:

Disse-lhe Jesus: "Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão."
(Mateus 26:52)

Quando Jesus foi crucificado, ele renunciou ao uso de força para justificar sua missão, mesmo à custa de sua própria morte:

Disse Jesus: "O meu Reino não é deste mundo. Se fosse, os meus servos lutariam para impedir que os judeus me prendessem. Mas agora o meu Reino não é daqui". (João 18:36)

Existe uma referência a trazer 'uma espada' quando Jesus falava sobre os futuros sofrimentos da igreja. Ele disse:

Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. (Mateus 10:34)

Embora esse texto seja citado algumas vezes para provar que Jesus aprovava a violência, na verdade isso significa a divisão que pode haver entre as famílias quando os cristãos são rejeitados pela fé em Cristo: uma passagem correspondente em Lucas tem a palavra 'divisão' em vez de 'espada' (Lucas 12:51). A espada, então, é um símbolo para aquilo que divide, separando um membro da família de outro. Outra possível interpretação, num contexto mais

amplo do conselho que Jesus estava dando sobre as futuras perseguições, é a de que a ‘espada’ se refere à perseguição dos cristãos. Nesse caso, essa é uma espada levantada contra os cristãos por causa do seu testemunho, e não, levantada por eles.

A rejeição de Jesus à violência era contrária às expectativas comuns sobre o que o Messias faria quando viesse para salvar o povo de Deus. A esperança era de que essa salvação seria militar e política, além de espiritual. Jesus rejeitou a opção militar. Ele também deixou claro que seu Reino não era político quando disse que ele ‘não é desse mundo’. Ele também ensinou que as pessoas deveriam dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus (Mateus 22:21). Ele negou que o Reino de Deus estivesse em algum lugar físico, porque estava, na verdade, nas pessoas (Lucas 17:21). Quando foi confrontado por seus discípulos, que debatiam sobre quem ocuparia o cargo político de destaque no Reino de Deus – simbolizado pela posição onde estariam sentados – Jesus rebateu dizendo que o Reino de Deus não era como os reinos políticos que eles conheciam, onde as pessoas mandavam nas outras. Para ser o ‘primeiro’, ele disse, você tem de ser o último (Mateus 20:16, 27). Seus seguidores deveriam buscar servir em vez de serem servidos (Marcos 10:43; Mateus 10:27).

A igreja primitiva levou a sério os ensinamentos de Jesus sobre a violência. Por exemplo, entre as profissões proibidas aos primeiros crentes no primeiro século da igreja estava a de soldado e, se um cristão, por acaso, fosse soldado, ele não tinha permissão de matar.

Ame seus inimigos

As reações agressivas à rejeição se alimentam da inimizade com base na rejeição e condenação dos outros. Jesus ensinou que a vingança não era mais aceitável, mas o mal deveria ser retribuído somente com o bem (Mateus 5:38-42); é errado julgar os outros (Mateus 7:1-5); deve-se amar, não odiar, os inimigos (Mateus 5:43); o manso herdará a terra (Mateus 5:5); e os pacificadores serão chamados filhos de Deus (Mateus 5:9).

Esses ensinamentos não eram meras palavras que os discípulos ouviam e esqueciam. Os seguidores de Jesus deixaram claro em suas cartas, preservadas no Novo Testamento, que esses princípios os guiavam mesmo quando enfrentavam grandes tribulações e oposição:

Até agora estamos passando fome, sede e necessidade de roupas, estamos sendo tratados brutalmente, não temos residência certa... Quando somos amaldiçoados, abençoamos; quando perseguidos, suportamos; quando caluniados, respondemos amavelmente. (1 Coríntios 4:11-13; Confira também 1 Pedro 3:10; Tito 3:1-2; Romanos 12:14-21)

Os apóstolos demonstravam aos crentes o exemplo do próprio Jesus (1 Pedro 2:21-25), e o verso de Mateus 5 sobre o 'amor aos inimigos' era a passagem da Bíblia mais frequentemente citada nos escritos da igreja primitiva.

Preparem-se para a perseguição

A perseguição, Jesus ensinou aos seus seguidores, era inevitável: eles seriam açoitados, odiados, traídos e mortos (Marcos 13:9-13; Lucas 21:12-19; Mateus 10:17:23).

Jesus alertou aos seus discípulos, quando os ensinava como levar sua mensagem aos outros, que eles sofreriam rejeição. Num nítido contraste com o exemplo e o ensinamento de Mohamad, que encorajava os muçulmanos a reagirem ao sofrimento com violência e até assassinato, Jesus ensinou aos seus discípulos a simplesmente ‘baterem a poeira das sandálias e irem embora’. Em outras palavras, eles deveriam seguir em frente sem levarem nada de mal do encontro (Marcos 6:11; Mateus 10:14). Isso não significava ir embora com amargura, pois a paz deles ‘retornaria’ para eles mesmos (Mateus 10:13).

O próprio Jesus serviu de modelo para isso quando uma vila samaritana se recusou a recebê-lo. Seus discípulos pediram a ele que mandasse fogo do céu sobre eles, mas Jesus os repreendeu e continuou seu caminho (Lucas 9:54-56).

Jesus ensinou a seus discípulos que deveriam fugir para outro lugar quando fossem perseguidos (Mateus 10:23). Eles não deveriam se preocupar, porque o Espírito Santo os ajudaria a saber o que dizer (Marcos 10:19-20; Lucas 12:11-12, 21:14-15), nem deveriam ter medo (Marcos 10:31; Mateus 10:26).

Um ensinamento característico de Jesus era que seus seguidores deveriam se alegrar quando fossem perseguidos, porque eles estariam se identificando com os profetas:

Bem-aventurados serão vocês, quando os odiarem, expulsarem e insultarem, e eliminarem o nome de vocês, como sendo mau, por causa do Filho do homem.

"Regozijem-se nesse dia e saltem de alegria, porque grande é a recompensa de vocês no céu. Pois assim os antepassados deles trataram os profetas. (Lucas 6:22-23; Mateus 5:11-12).

Há muita evidência de que essa mensagem tinha sido abraçada de coração pela igreja primitiva como parte de sua devoção a Cristo:

... Todavia, mesmo que venham a sofrer porque praticam a justiça, vocês serão felizes. (1 Pedro 3:14; confira também 1 Coríntios 1:5; Filipenses 2:17-18; 1 Pedro 4:12-14)

Jesus também encorajou os discípulos com a esperança de que, junto com a perseguição, eles receberiam o dom da vida eterna – o melhor ainda estava por vir – mas, para receber essa promessa na próxima vida, eles tinham que permanecer fiéis nesta vida (Marcos 10:29-30, Marcos 13:13).

CAPÍTULO 6

A Cruz, Nosso Caminho para a Liberdade

Mohamad contra a cruz

Por vivermos num mundo espiritual, é importante lembrar que Mohamad odiava a cruces. Há uma tradição relatada por al-Waqidi que dizia que, se Mohamad encontrasse qualquer objeto em sua casa com a marca da cruz, ele o destruía.²

O ódio de Mohamad pela cruz chegava ao ponto de ensinar que Jesus voltaria à Terra como um profeta do islamismo

² W. Muir, *The life of Muhammad*. Volume 3, pg. 61, nota 47.

que destruiria a cruz para eliminar o cristianismo da face da Terra.

Abu Huraira disse:

O Apóstolo de Alá disse, 'Por Aquele em Cujas Mãos está minha alma, é certo que (Jesus), o filho de Maria, descerá entre vós e irá julgar a humanidade de forma justa (como um Regente Justo); ele quebrará a cruz e matará os porcos, e não haverá *jizya* (isto é, impostos tirados de não muçulmanos)...' (*Sahih al-Bukhari*. O Livro das Histórias dos Profetas. 4:60:3448.)

Em outras palavras, quando Jesus voltar, a 'terceira opção' desaparecerá e os cristão deverão se converter ao islamismo ou serão mortos.

Atualmente, a inimizade de Mohamad contra a cruz é compartilhada por muitos muçulmanos:

- Dois dias antes do Natal de 1998, uma igreja católica em Faisalabad, Paquistão, teve seu crucifixo retirado por um líder muçulmano.³
- Em 18 de março de 2004, uma multidão de albaneses atacou e profanou a igreja de Santo André em Podujevo, Kosovo. As fotografias distribuídas à mídia internacional mostravam os muçulmanos, que tinham subido no telhado, quebrando as cruzes

³ Relatório Anual sobre Liberdade Religiosa Internacional de 1999. Departamento de Estado dos EUA. <<http://www.thepersecution.org/ussd/us99irf.html>>.

de metal salientes que lá estavam.⁴ Houve também muitos casos de multidões muçulmanas quebrando as cruzes dos cemitérios de Kosovo.⁵

- Em abril de 2007, na zona cristã de Al-Doura em Bagdá, militantes muçulmanos mandavam os cristãos removerem as cruzes visíveis no alto de suas igrejas e decretaram uma *fatwa* proibindo os cristãos de usar cruzes.⁶
- Quando o Hamas tomou o controle de Gaza em 2007, algumas de suas milícias deram início a uma furiosa onda de destruição de cruzes. O convento e a escola das Irmãs do Rosário em Gaza foram saqueados e pilhados por homens mascarados, e as cruzes eram o alvo específico da destruição. Um cristão residente de Gaza também relatou que seu crucifixo foi arrancado do pescoço por alguém da Força Executiva do Hamas, que disse, 'Isso é proibido.'⁷
- Em 29 de outubro de 2007, uma segunda-feira, no Parlamento da Malásia, um parlamentar, Tuan Syed Hood bin Syed Edros, reclamou da

⁴ ERP-KIM Info Service. Notícia 17/3/2005.

<http://www.kosovo.net/news/archives/205/March_17/1.html>.

⁵ Jared Israel, 'Eradication of an ancient culture...The destruction of the churches of Kosovo.' <<http://emperors-clothes.com/list.htm>>.

⁶ Extremists threaten church in Baghdad. Zenit news service. 19 abril 2007. <<http://www.zenit.org/article-19414?english>>.

⁷ Fears in PA: Gaza may turn into Taliban-style Emirate. MEMRI Special Dispatch Series 1633, Palestinina Authority/Jihad & Terrorism Studies Project, Junho 26, 2007.

<<http://memri.org/bin/articles.cgi?Page=archives&Area=sd&ID=SP163307>>. Citado de Al-Quds Al-Arabi (Londres), junho 20, 2007.

‘ostentação de símbolos religiosos’ na frente das escolas das igrejas: ‘Eu, como responsável por minha religião, pela minha raça e pelo meu país, declaro minha visão de que ... essas cruzes devem ser destruídas ...’⁸

- Em novembro de 2004, soube-se que a Penitenciária de Belmarsh, na Inglaterra, tinha planos de gastar 1 milhão e 600 mil libras em uma mesquita. O prédio já tinha uma capela multi-denominacional, mas os presidiários muçulmanos, alguns deles condenados por terrorismo, se recusaram a usá-la, porque a capela tinha cruzes que precisavam ser cobertas quando os muçulmanos faziam suas orações.⁹
- Em um outro episódio de rejeição da cruz na Grã-Bretanha, um aprendiz de guarda de trânsito, M’hammed Azzaoui, reclamou de ter que usar o uniforme com emblema da coroa britânica, que contém uma pequena cruz de cinco milímetros. Ele entrou com uma reclamação trabalhista formal contra a Polícia Metropolitana por ‘discriminação racial’. Embora a reclamação tenha sido retirada, as autoridades policiais dispensaram o uso do

⁸ The Hansard Record of the Third Meeting of the Fourth Session of Eleventh Parliament (Dewan Rakyat) of Malaysia, 29 outubro 2007, páginas 143-44 <<http://www.parlimen.gov.my/hindex/pdf/DR-29102007.pdf>>.

⁹ Relatado por Justin Penrose, escrevendo no Sunday Mirror de 7 de novembro de 2004. Daniel Pipes fez uma crítica dessa decisão em seu artigo ‘Londnistan Follies’ blog <<http://www.danielpipes.org/blog/298>>.

emblema da coroa britânica aos que alegassem motivos religiosos.

- Não menos que o Arcebispo de Canterbury, George Carey, submeteu-se ao pedido de remover sua cruz peitoral quando teve que fazer uma parada forçada na Arábia Saudita em 1995. O incidente foi descrito por David Skidmore, no Serviço de Notícia Episcopal:

O voo de Carey do Cairo para o Sudão foi forçado a fazer uma escala na Arábia Saudita. Ao se aproximar da cidade costeira do Mar Vermelho, Jidda, na Arábia Saudita, mandaram que Carey tirasse todos os símbolos religiosos, incluindo seu colarinho clerical e a cruz peitoral.¹⁰

Embora a cruz seja rejeitada pelos muçulmanos, para os cristãos ela significa nossa liberdade.

A Cruz, a rejeição e a reconciliação

No entendimento cristão, o problema humano é o pecado, que distancia a humanidade de Deus e uns dos outros. No cerne desse distanciamento está o problema da rejeição. Adão e Eva rejeitaram as instruções que Deus lhes tinha dado no Jardim, e assim eles foram rejeitados e retirados da presença de Deus, e se viram sob as maldições da Queda.

¹⁰ David Skidmore. 'Heart speaks to heart during Archbishop of Canterbury's visit to Chicago.'
<<http://www.wfn.org/1996/06/msg00144.html>

Na história de Israel, Deus fez uma aliança através de Moisés para estabelecer um relacionamento correto, mas seu povo rejeitou a aliança e seguiu seu próprio caminho, caindo em julgamento.

A chave para superar esse grande problema da rejeição de Deus à humanidade e do julgamento que isso traz é a cruz. A submissão de Jesus à rejeição na cruz fornece a chave para superar a própria rejeição. O poder da rejeição está nas reações desencadeadas no coração dos que são afetados por ela. Ao tomar sobre si a ira dos que lhe atacaram e ao dar sua vida como sacrifício pelos pecados do mundo, Jesus derrotou o poder da própria rejeição, a venceu com seu amor. Esse amor que Jesus demonstrou não era outro senão o amor de Deus pelo mundo que ele fez:

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3:16)

Em sua morte na cruz, Jesus tomou sobre si o castigo que deveria ser da humanidade por ter rejeitado a Deus. Esse castigo era a morte, e Cristo a carregou sobre si para que todos os que creem nele tenham perdão e vida eterna. Dessa forma, Jesus também venceu o poder da rejeição ao cumprir seu castigo.

O simbolismo do sacrifício na Torá, que era o sangue derramado para a expiação do pecado, é aplicado pelos cristãos para interpretar a importância da morte de Jesus na cruz. Isso está expresso na canção do servo sofredor de Isaías:

... o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. Contudo foi da vontade do Senhor esmagá-lo e fazê-lo sofrer, e, embora o Senhor faça da vida dele uma oferta pela culpa, ele verá sua prole e prolongará seus dias, e a vontade do Senhor prosperará em sua mão. Porquanto ele derramou sua vida até à morte, e foi contado entre os transgressores. Pois ele carregou o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores.
(Isaías 53:5,10,12)

Em uma passagem poderosa, Paulo, em sua carta aos Romanos, explicou como o sacrifício de Cristo põe fim à rejeição nos oferecendo o oposto, a reconciliação:

Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores. Como agora fomos justificados por seu sangue, muito mais ainda seremos salvos da ira de Deus por meio dele! Se quando éramos inimigos de Deus fomos reconciliados com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido reconciliados, seremos salvos por sua vida! Não apenas isso, mas também nos gloriamos em Deus, por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, mediante quem recebemos agora a reconciliação.
(Romanos 5:6-11)

Essa reconciliação também supera todos os direitos de condenação que venham a ser levantados por terceiros, incluindo humanos, anjos ou demônios (Romanos 8:38):

Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. ... [Ninguém] nos separará do amor de Deus que está em Cristo Jesus nosso Senhor. (Romanos 8:31-33, 39).

E não somente isso. Os cristãos também receberam o ministério da reconciliação, tanto através da oferta de reconciliação aos outros, mas também através da proclamação da mensagem da cruz e do seu poder para destruir a rejeição:

Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando consigo o mundo, não lançando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação.

Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus. (2 Coríntios 5:18-20)

A ressurreição e a justificação

Ressurreição

Um dos temas mais constantes das ‘revelações’ e afirmações de Mohamad é o desejo de vingança. Ele conquistou isso para si forçando seus inimigos a se submeterem ao seu credo, colocando-os assim sob sua orientação e autoridade, ou então obrigando-os a aceitar a dhimmitude. A terceira opção que tinham era a morte.

No entendimento cristão da missão de Cristo, há vingança, mas Cristo não a garantiu para si próprio. O papel do sofrimento do Messias era humilhar-se, suportando a rejeição. A vingança veio através da ressurreição e ascensão de Cristo, através das quais a morte e todo o seu poder foram derrotados:

... ele não foi abandonado no sepulcro e cujo corpo não sofreu decomposição. Deus ressuscitou este Jesus, e todos nós somos testemunhas desse fato. Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora veem e ouvem. ... Deus o fez esse Jesus ... Senhor e Cristo". (Atos 2:31-36)

Uma famosa passagem da carta de Paulo aos Filipenses descreve como Jesus 'se humilhou' assumindo, por vontade própria, o papel de escravo. Sua obediência o levou à morte. Mas Deus o exaltou a uma posição espiritual de autoridade suprema. Essa vitória não se deu pelo esforço de Cristo, mas pela defesa soberana de Deus da oferta suprema de Cristo na cruz:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz! Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para

que ao nome de Jesus se dobre todo joelho ...
(Filipenses 2:5-10)

O discipulado da cruz

Para os cristãos, seguir Cristo significa se identificar com sua morte e ressurreição. Tanto Jesus quanto seus seguidores referem-se, repetidas vezes, à necessidade de 'morrer' com Cristo – isto é, de matar a velha forma de viver – e renascer, crescendo numa nova vida segundo Cristo em amor e reconciliação, não vivido para nós mesmos, mas para Deus.

As experiências de sofrimento são consideradas uma forma de compartilhar os sofrimentos de Cristo, o que define o significado das tribulações pelas quais os seguidores passam, como um caminho pela vida e evidência da vitória iminente, não da derrota. Nesse caso, Deus é quem irá justificar os crentes fiéis, não os poderes cruéis deste mundo.

"Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.

Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por minha causa e pelo evangelho, a salvará. (Marcos 8:34-35; Confira também 1 João 3:14,16; 2 Coríntios 5:14-15; Hebreus 12:1-2)

Duas histórias de rejeição

É impressionante que Jesus e Mohamad, os fundadores das duas maiores religiões do mundo, passaram por constantes experiências graves de rejeição. Tudo começou com as circunstâncias do nascimento e da infância de ambos, e passou por questões com os familiares e autoridades religiosas. Ambos foram acusados de serem loucos e controlados por forças malignas. Os dois foram ridicularizados e insultados. Os dois foram traídos. Os dois sofreram ameaças contra sua vida.

No entanto, essas semelhanças impressionantes são obscurecidas por uma diferença ainda mais impressionante que teve um impacto profundo na forma como essas duas religiões foram fundadas. Enquanto a história da vida de Mohamad demonstra uma amplitude de reações negativas comuns à humanidade, incluindo autorrejeição, autovalidação e agressão, a vida de Jesus tomou uma direção completamente diferente. Ele superou a rejeição, não pela sua imposição sobre os outros, mas, sim, pela sua aceitação e, assim, segundo a crença cristã, superando seu poder e curando a dor que ela causa. Se a vida de Mohamad oferece a chave para entender o legado espiritual aprisionador da *dhimma*, a vida de Cristo oferece, muito mais, a chave para a liberdade e a integridade para os cristãos que sofrem dos efeitos da *dhimmitude*.

Uma Cosmovisão Espiritual

A cosmovisão sustentada aqui foi moldada pelo Novo Testamento. Paulo, em sua carta aos Colossenses, fala sobre suas orações por eles:

Dando graças ao Pai, que nos tornou dignos de participar da herança dos santos no reino da luz. Pois ele nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, a saber, o perdão dos pecados. (Colossenses 1:12-13)

Na visão de Paulo, os seres humanos estão, por natureza, sob o poder de Satanás e de seus poderes demoníacos, mas, através da fé em Cristo, eles encontram liberdade dos poderes do mal. J.H. Houlden, Fellow do Trinity College Oxford, escreveu sobre a cosmovisão teológica de Paulo, dizendo:

... tinha suas convicções sobre o homem. O homem não só está separado de Deus por seu pecado e por sua própria vontade... mas também está preso aos poderes demoníacos que rondam o universo e que usam a Lei não para a obediência do homem a Deus, mas como um instrumento de sua tirania. Essa separação do homem de Deus é comum a toda a humanidade – ela não é puramente dos judeus nem dos gentios. É o estado do homem enquanto filho de Adão. (*Cartas de Paulo da Prisão*, pág. 18)

Houlden continua e explica que, na cosmovisão de Paulo, os seres humanos precisam ser resgatados dessa escravidão. ‘Na questão dos poderes demoníacos, a necessidade do homem é de, simplesmente, libertação de seu controle.’ (pág. 18). A chave para esse regate é o que Cristo fez através de sua morte e ressurreição. Isso alcançou a vitória sobre o pecado e sobre os poderes demoníacos do mal que escravizam a humanidade.

O apóstolo João escreve, em sua primeira carta:

‘Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.’
(1 João 5:19)

Se, por natureza, o mundo todo está sob o controle do ‘poder das trevas de Satanás’ (Colossenses 1:13), como Paulo explica, então uma cosmovisão como a do islamismo, que impõe sofrimento incalculável sobre as comunidades há séculos, deve ser avaliada, não só em termos políticos ou sociais, mas também em termos espirituais, como sendo uma manifestação específica da tirania do mal na esfera humana.

Deve-se reconhecer que a igreja institucional não está imune a se tornar agente do mal: entre as manifestações perniciosas de rejeição, estão muitas que a igreja promove, como as expressões cristãs de antissemitismo, racismo e misoginia.

Vencendo o poder do mal

Para os cristãos serem libertos do impacto espiritual pernicioso da dhimmitude, é necessário confrontar o poder de Satanás, que é a grande força espiritual por detrás de toda a rejeição no mundo.

Segundo os evangelhos e as cartas do Novo Testamento, Satanás tem um poder genuíno, mas limitado, e soberania sobre o mundo. Ele é ‘o príncipe deste mundo’ (João 12:31), ‘o deus deste século’ (2 Coríntios 4:4), e ‘príncipe do poder do ar’ (Efésios 2:2), cujo reino é ‘domínio das trevas’ (Colossenses 1:13). Ele é ‘o espírito que agora atua nos filhos da desobediência’ (Efésios 2:2).

Quando Jesus se revelou a Paulo em uma visão e o chamou para ir aos gentios, o apóstolo recebeu a direção de que iria conduzir as pessoas das ‘trevas para a luz, e do poder de Satanás para Deus (Atos 26:18), uma expressão que indica que as pessoas, antes de serem salvas por Cristo, estão sob o poder de Satanás, mas, através de Cristo, elas são redimidas e transferidas do poder das trevas para o Reino de Deus.

Segundo a Bíblia, há um confronto espiritual acontecendo entre Deus e Satanás, que chega a ser uma rebelião civil cósmica (Marcos 1:15; Lucas 10:18; Efésios 6:12). Esse é um conflito entre dois reinos onde não há uma posição neutra onde se pode esconder. Os cristãos se encontram em uma longa campanha na qual a batalha decisiva já foi ganha na cruz e o resultado não está em jogo: Cristo é e será vitorioso.

Como agentes de Cristo, os seguidores de Cristo se encontram agora num combate diário contra os poderes deste século tenebroso. A morte e a ressurreição de Cristo nos dão autoridade única contra as trevas e o fundamento do poder para nos opormos a elas. O território pelo qual se briga é feito de pessoas, comunidades, sociedades e países. A igreja institucionalizada também pode ser considerada um campo de batalha, e seus recursos podem ser também explorados com propósitos malignos.

Nossa ênfase aqui, no entanto, é no islamismo e, nesse caso, o ponto chave do envolvimento espiritual deve ser desafiar as reivindicações espirituais e territoriais dos pactos da *dhimma* e da *shahada*, que, por um lado, escravizaram os muçulmanos num falso senso de superioridade e os ensinaram a tornarem-se opressores dos outros e, por outro lado, escravizaram os cristãos e não muçulmanos na humilhação, na falsa gratidão e no silêncio, os colocando sob a maldição da morte (Efésios 6:11-17).

Paulo descreve a certeza da vitória quando escreve que os poderes desse mundo tenebroso foram destruídos, denegridos e derrotados através da cruz e do perdão dos pecados que ela promove:

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou juntamente com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz, e, tendo despojado os poderes e as autoridades, fez

deles um espetáculo público, triunfando sobre eles na cruz. (Colossenses 2:13-15).

A *dhimma* e a *shahada* são exemplos de um ‘código escrito’ que opõe a nossa humanidade comum. O poder espiritual de tudo o que esses códigos representam pode ser tratado com o uso do poder da cruz contra todas as suas afirmações amargas e de rejeição, para todos os efeitos, ‘pregando’ o pacto da *dhimma* e da *shahada* na cruz. Isso inclui uma demonstração pública de suas falsas afirmações, como eu procurei fazer em *The Third Choice* [A terceira opção].

Um aspecto chave do poder da *dhimma* é o silêncio que ela impõe aos não muçulmanos e, quando a natureza desse aspecto é exposta, nós o prendemos à cruz e declaramos que ela é inofensiva e fraca. Ao se envolverem espiritualmente desse modo, os cristãos podem rejeitar e se opor aos princípios e poderes espirituais que sustentam o pacto da *dhimma*.

Direitos legais

Um dos passos chave para conquistar a liberdade espiritual é a renúncia a todas as afirmações espirituais que Satanás pode ter feito contra nós. Os compromissos espirituais, mesmo aqueles que foram assumidos por gerações passadas, podem impactar profundamente nossa habilidade de viver a liberdade em Cristo. As alianças feitas e os traumas sofridos podem servir de fundamento que Satanás usa para perpetuar sua opressão em nós.

Para motivar a necessidade de renúncia, faz-se necessário discutir os direitos legais de Satanás para oprimir os povos, incluindo os conceitos de brechas e de lugar. Uma brecha é o ponto de entrada que Satanás pode usar para atacar e oprimir as pessoas e lugar significa espaço interno dentro da alma da pessoa que, de alguma forma, foi rendido ao mal.

Paulo se refere à possibilidade de que o cristão pode dar lugar ao diabo quando ele guarda raiva:

Quando vocês ficarem irados, não pequem.
Apaziguem a sua ira antes que o sol se ponha,
e não deem lugar ao diabo. (Efésios 4:26-27)

A palavra grega usada para 'lugar' é *topos*. *Topos* tem como significado principal um espaço habitado ou ocupado, e a expressão completa 'dar lugar' indica 'dar oportunidade'. Paulo está dizendo que, se alguém guarda raiva em vez de confessá-la e renunciá-la como pecado, essa pessoa entregou o espaço espiritual para que seja ocupado e manipulado para fins malignos.

Em João 14:30, Jesus usa a linguagem de direitos legais quando afirma que Satanás não tem direito sobre ele:

Já não lhes falarei muito, pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim. Todavia para que o mundo saiba que amo o Pai e que faço o que meu Pai me ordenou. (João 14:30-31)

O Arcebispo J.H. Bernard escreve, em seu comentário sobre essa passagem, que Jesus está dizendo ‘Satanás ... não tem qualquer parte de minha personalidade que possa amarrar’. (*A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to John* [Comentário crítico e exegético do evangelho segundo João], vol 2, ág. 556). A expressão usada aqui é, de fato, um termo legal, conforme explica Carson:

Ele não tem direito sobre mim é uma tradução idiomática de ‘ele não tem nada em mim’, que lembra uma expressão hebraica frequentemente usada em contextos legais, ‘ele não tem nada sobre mim’. ... O diabo só teria poder sobre Jesus se houvesse alguma acusação justificável contra Jesus. (*The Gospel According to John* [O evangelho segundo João], pp. 508-9.)

É a falta de pecado de Jesus – ‘faço exatamente o que meu Pai me ordena – que ele apresenta como razão pela qual não há nada nele que Satanás possa usar para reivindicar quaisquer direitos legais. Isso é de uma importância profunda para nosso entendimento da cruz, porque a morte de Jesus é algo que Satanás não pode reivindicar legalmente como sendo uma pena legal. A morte do Messias do Senhor foi um sacrifício inocente em lugar dos outros, não uma pena justa dada a Jesus por Satanás. Se Cristo tivesse dado lugar a Satanás, sua morte teria sido apenas uma pena justa pelo pecado; ao contrário, ela foi uma oferta eficaz pelos pecados do mundo todo.

Fechando as brechas

Quando a liberdade espiritual é reivindicada, é necessário e prudente tratar, identificar e fechar sistematicamente todas as brechas e remover as espaços vulneráveis ao diabo na vida da pessoa. Fechar essas portas de entrada inclui o arrependimento da pessoa de qualquer palavra ou ato que podem ter dado a Satanás a permissão de declarar direito sobre sua vida. Isso significa um ‘encontro com a verdade’ onde quaisquer mentiras ou enganos malignos a que a pessoa se submeteu devem ser confessados e renunciados. O poder da cruz é a chave para esse processo. Através de Cristo como Salvador, a pessoa recebe o perdão de Deus e, ao ser sepultada com Cristo, ela se identifica com ele e, assim, Satanás não pode mais fazer acusação legal contra ela e nem ter domínio sobre ela.

Como isso funciona na prática? Se alguém luta contra um hábito persistente da mentira, essa pessoa precisa reconhecer que mentir é errado aos olhos de Deus, confessar a mentira, arrepender-se dela e ter a certeza do perdão através da obra de Cristo. Com isso, o hábito de mentir pode ser rejeitado e renunciado. Se, por outro lado, a pessoa gosta de mentir, acha que a mentira é útil e não tem intenção de abandoná-la, qualquer tentativa de se libertar da mentira será em vão.

‘Dar lugar’ também pode ser uma ferida na alma. Se uma pessoa é atormentada por medos que tem sofrido por causa de uma situação traumática ou amedrontadora como um ataque físico, pode ser necessário orar pela cura do trauma e, depois disso, a pessoa pode ser levada à renúncia ao medo e declarar confiança em Deus. A pessoa também deve ser

conduzida num processo de perdão a quem lhe infligiu o trauma. Depois disso, o medo pode ser resistido de forma mais bem-sucedida.

Certa vez, quando eu estava ensinando sobre a dhimmitude, veio a mim uma mulher sul-africana que tinha tido uma experiência traumática com pessoas de origem muçulmana uma década antes. A pedido de um seminário, a família dessa mulher hospedou dois homens. Esse foi o início de um período extremamente difícil e doloroso. Seus hóspedes eram agressivos e ridicularizavam a ela e sua família continuamente. Eles a empurravam contra a parede, chamavam-na de ‘porca’, amaldiçoavam-na e até cuspiam nela quando passavam por ela. Ela chegou até a encontrar pedaços de papel colocados em diferentes lugares na casa com maldições escritas para eles em árabe. A família pediu ajuda a sua igreja, mas ninguém acreditava neles. Por fim, só conseguiram se livrar dos ‘hóspedes’ depois que alugaram outro lugar para eles. A mulher escreveu, ‘Naquela época, estávamos no fundo do poço, esgotados financeira, espiritual, emocional e fisicamente. Eu não tinha mais confiança em mim mesma, sentia que não servia para nada, porque eles me tratavam como lixo.’ Após ouvir a apresentação sobre a dhimmitude, ela confrontou os medos e a insegurança que a atormentavam, e oramos juntos pedindo cura das experiências traumáticas, renunciando à intimidação. Ela foi maravilhosamente curada e disse ‘Louvo ao Senhor por esse encontro celestial ... Sinto-me aliviada e digna de servir ao Senhor como mulher. Louvado seja o Senhor!’ Mais tarde, ela escreveu para mim:

Ainda servimos ao Senhor, nós O amamos mais do que antes, aprendemos tanto da cultura muçulmana e das crenças, e estamos mais fortes com isso tudo e podemos dizer que amamos os muçulmanos com o amor do Senhor e nunca iremos parar de demonstrar a eles, através de nossa vida, o quando Jesus ama cada um deles.

Há apenas um caminho para a liberdade completa da opressão espiritual, que é a cruz de Cristo. Certamente, muitas são as brechas e os espaços que Satanás usa, mas o que importa para nós hoje é saber que a *dhimma* e a *shahada* são dois exemplos disso. Isso nos leva ao próximo ponto importante: caminhos intergeracionais de opressão.

Caminhos intergeracionais

É quase ponto pacífico que certas linhagens familiares demonstram que danos podem ser passados de uma geração para outra. A maioria aceita a possibilidade de que as condições genéticas ou sociais podem influenciar certas famílias para bem ou para mal. Mas as famílias também passam um herança espiritual? Parece que sim e alguns pontos de entrada para a opressão podem ser intergeracionais. A opressão espiritual pode afetar múltiplas gerações conforme uma vai aprisionando a seguinte, dando espaço para influência maligna para sua família.

Alguns cristãos acham inaceitável, ou até irracional, o conceito de escravidão espiritual intergeracional. Em vez disso, eles apontam para a influência de comportamentos

dos pais nos filhos. Por exemplo, se o pai é um mentiroso, seus filhos poderão copiá-lo e aprenderão a ser mentirosos também. Ou se a mãe amaldiçoa seu filho, ele pode ter, como resultado, uma autoimagem deficiente. Não há dúvida de que o comportamento imitado e o dano intergeracional causado por abuso dos pais são fatores importantes que ajudam a repetir os efeitos do pecado de uma geração na próxima, mas tais considerações não podem explicar por completo o alcance total da opressão espiritual que as pessoas que vêm de contextos familiares espiritualmente sombrios experimentam. Na minha visão, a evidência da escravidão espiritual intergeracional é absolutamente clara.

Toda a cosmovisão da Bíblia em relação a alianças, maldições e bênçãos é completamente consistente com essa visão. A Torá descreve como Deus fez aliança com a nação de Israel, lidando com o povo como uma comunidade intergeracional e ligando-os a um sistema de bênçãos e maldições que passam deles a seus descendentes, as bênçãos até a milésima geração, e as maldições até a terceira ou quarta geração (Êxodo 20:5; 34:7). Além disso, para que as próximas gerações se libertem dos efeitos dos pecados dos seus antepassados, elas precisam ‘confessar seus pecados e os pecados de seus pais’ (Levítico 26:40). Assim, Deus diz que ele irá ‘se lembrar da aliança com seus antepassados’ e curar a eles e à sua terra (Levítico 26:45).

Já que Deus trata do seu povo dessa forma intergeracional, por que então Satanás não iria reivindicar direitos intergeracionais contra a humanidade? De fato, Satanás, o ‘acusador’ que ‘acusa perante Deus de dia e de noite’ (Apocalipse 12:10), pode reivindicar e, de fato, reivindicar

direitos intergeracionais das pessoas que os deram a ele por causa das alianças rompidas com Deus. Por exemplo, o pecado de Adão e Eva liberou maldições intergeracionais contra seus descendentes, incluindo dor de parto (Gênesis 3:16), domínio dos homens sobre as mulheres (Gênesis 3:16), trabalho duro para ganhar a vida (Gênesis 3:17-18) e, por fim, a morte e a decadência (Gênesis 3:19).

A Bíblia, de fato, anuncia uma mudança nesses assuntos na qual Deus não irá mais culpar as pessoas por causa dos pecados dos pais, mas cada pessoa será responsável por seus próprios pecados:

"Contudo, vocês perguntam: 'Por que o filho não partilha da culpa de seu pai?' Uma vez que o filho fez o que é justo e direito e teve o cuidado de guardar todos os meus decretos, com certeza ele viverá. Aquele que pecar é que morrerá. O filho não levará a culpa do pai, nem o pai levará a culpa do filho. A justiça do justo lhe será creditada, e a impiedade do ímpio lhe será cobrada. (Ezequiel 18:19-20)

Esse texto deve ser lido como uma profecia para a Era Messiânica. Não é uma mudança fundamental no funcionamento desse 'mundo tenebroso' que está sob o domínio de Satanás, mas uma promessa sobre a conquista do Reino do Filho de Deus. É uma promessa, não apenas de que sob a nova aliança Deus irá tratar de cada pessoa de acordo com seus próprios pecados, mas que também o poder de Satanás de escravizar as pessoas através dos pecados dos pais e dos antepassados será quebrado pelo poder da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. A aliança

da lei antiga, a ‘lei do pecado e da morte’, falava a respeito de pecados sendo passados de uma geração a outra, mas, em Cristo, a lei antiga, pela qual Satanás reivindica direitos de escravizar as pessoas pelos pecados dos seus pais, deverá ser abandonada e considerada nula e sem efeito.

É essencial entender que o pacto da *dhimma* é intergeracional e comunitário. É uma aliança feita por uma comunidade não muçulmana que vale para sempre, até o final dos tempos. Os homens entram nessa aliança e a confirmam com o pagamento da *jizya* em nome de suas esposas, de seus filhos e de seus descendentes. Na lei islâmica, quando um território e seu povo estão debaixo do controle islâmico, eles permanecem, para sempre, como propriedade de Umma.

Na prática, o que isso significa é que as pessoas cujos antepassados estavam sujeitos à *dhimma* podem sofrer com a escravidão espiritual dos seus antepassados ‘até a terceira ou quarta geração’ (Êxodo 20:5; 34:7). Isso explica, em parte, o medo e a obediência ao islamismo que podem ser observados na síndrome de *dhimmi* mesmo após uma ou duas gerações que viveram sob a *dhimma*.

O pacto da *shahada* também é intergeracional em suas reivindicações, no qual a lei islâmica decreta que o filho de um muçulmano é também muçulmano.

Testemunhos de Renúncia à *shahada*

“Renuncie ao islamismo!”

Este é o testemunho de um ex-muçulmano que se converteu à fé cristã:

‘Cresci numa família muçulmana do ocidente. Frequentávamos a mesquita e aprendemos a fazer nossas orações em árabe. No entanto, eu não era muito religioso na infância. As coisas mudaram quando eu passei por um período de busca quando fui para a universidade. No final desse período, descobri quem Jesus Cristo era de fato e Ele salvou minha alma.

Envolvi-me com um grupo de estudantes cristãos da faculdade. Todas as semanas, um aluno diferente compartilhava a mensagem da Bíblia. Eu era cristão havia menos de um ano, mas, mesmo assim, eles me perguntaram se eu poderia compartilhar uma mensagem. Na noite em que eu iria compartilhar, entrei em uma das bibliotecas do campus para orar. Minha mensagem era “Jesus Morreu Por Mim; Eu Morreria Por Jesus?”

Quando comecei a orar, algo muito estranho aconteceu. Eu senti minha garganta apertar como se eu estivesse sendo estrangulado ou sufocado. O pânico tomou conta de mim enquanto essa sensação continuava e aumentava. Então ouvi uma voz me dizendo, “Renuncie ao islamismo! Renuncie ao islamismo!” Acreditei que era o

Senhor. Ao mesmo tempo, minha mente racionalizava: “Senhor, eu não nunca estive muito ‘envolvido’ com o islamismo e, ultimamente, não tenho sido nada praticante.”

No entanto, o sentimento de sufocamento continuou, então eu disse: “Renuncio ao islamismo.” Tudo isso estava acontecendo em silêncio, já que era uma biblioteca. Imediatamente, a pressão no meu pescoço foi aliviada. Um sentimento de grande alívio tomou conta de mim! Voltei a orar e a me preparar para o encontro. No encontro, o Senhor, de fato, se manifestou com poder e lembro-me de que os alunos se ajoelharam e clamaram ao Senhor e se entregaram a Ele.’

Discipulando novos crentes

Um ministério Norte Americano oferece treinamento intensivo regular para pessoas de origem muçulmana que aceitaram Cristo como Senhor e salvador. Os coordenadores do curso descobriram que os participantes tinham muitas e persistentes dificuldades de discipulado. Eles tomaram conhecimento das orações deste livro para renunciar à shahada e decidiram convidar todos os participantes do curso a fazerem juntos essas orações de renúncia ao islamismo. A resposta dos participantes foi de grande alívio e alegria. Eles perguntaram ‘Por que ninguém nos explicou que devíamos renunciar ao islamismo? Teríamos feito isso há muito tempo!’ A renúncia ao islamismo é agora parte essencial do curso de treinamento.

Testemunhos da Renúncia à *dhimma*

Medos transgeracionais

Uma mulher com quem eu orei tinha medo em várias áreas de sua vida. Seus antepassados haviam vivido como dhimmis em Damasco, Síria, cem anos antes, onde tinha acontecido um conhecido genocídio de cristãos em 1860. Quando entramos em oração de renúncia ao pacto da dhimma, o poder do medo foi quebrado e ela encontrou alívio significativo do medo em sua vida diária.

Livre do legado do genocídio

Um homem de origem armênia tinha antepassados que sobreviveram ao genocídio adotando nomes gregos e fugindo por Esmirna até o Egito. Durante grande parte do século seguinte, esse filho de refugiado sofria de medos opressivos diariamente. Ele não conseguia sair de casa sem sofrer grande ansiedade pensando se tinha ou não trancado todas as portas e janelas. No entanto, quando ele renunciou ao medo intergeracional ligado ao trauma dos genocídios passados e nós oramos juntos por libertação, ele demonstrou cura espiritual e liberdade significativas.

Do medo à ousadia: treinamento de evangelismo

Um grupo de cristãos de língua árabe usou as orações apresentadas aqui como parte de sua preparação para o evangelismo entre os muçulmanos que visitavam um país europeu como turistas. Embora a equipe estivesse em um

país livre, confessaram que sentiam medo de compartilhar sua fé. Essa discussão abriu-lhes o coração para a necessidade de cura do medo. Um líder explicou: ‘O medo vive dentro de vocês por causa da aliança feita em seu nome.’ Depois de discutir as explicações do pacto da dhimma, as pessoas fizeram orações de libertação juntas e renunciaram ao pacto da dhimma. No último dia do programa, fizeram uma avaliação:

‘Os resultados foram surpreendentes. Sem exceção alguma, todos os participantes demonstraram, com vigor, que esse foi um tópico essencial de treinamento ministerial e o motivo de muitas bênção e verdadeira liberdade, principalmente porque todos tiveram a oportunidade de renunciar à aliança da *dhimma* e declarar sua aliança com Jesus através de seu sangue. Louvado seja Deus porque podemos estar livres desse pacto pelo sangue de Jesus, através da oração.’

Uma mulher cristã cóptica conta como recebeu poder para evangelizar muçulmanos

‘Eu estudei a Sharia durante quatro anos como matéria principal do meu curso de direito em um país islâmico. Estudei detalhadamente a humilhação dos cristãos sob a Lei da Sharia, incluindo os regulamentos da dhimma, mas algo impedia meu entendimento sobre impacto pessoal de tais ensinamentos sobre meu caráter. Eu era uma cristã comprometida e amava o Senhor Jesus Cristo, mas, de tempos em tempos, deixava de declará-lo meu Senhor na

frente dos meus amigos muçulmanos para que não os ferisse.

Quando participei da apresentação sobre a dhimmitude, senti que minha situação espiritual tinha sido trazida à luz e que as profundas frustrações na minha alma estavam sendo expostas. Lembrei-me de várias situações em que tinha aceitado com alegria e até defendido a superioridade dos muçulmanos em seu território conquistado, a terra dos meus antepassados. Convenci-me de que, por muitos anos, eu tinha aceitado e vivido em humilhação por ser dhimmi. Busquei oração e instantaneamente senti grande liberdade em Cristo.

Naquela mesma noite, eu voltei para casa e liguei para uma amiga muçulmana muito próxima. Eu disse a ela que Jesus Cristo a amava e que tinha morrido numa cruz por ela. Desde então, meu ministério entre os muçulmanos tem se tornado bastante eficaz e tenho visto muitos deles declarando Cristo como seu Senhor e Salvador.’

Os pactos de sangue e sua renúncia

Outra chave conceitual importante é que, como vimos, a *dhimma* é um ‘pacto de sangue’. Nas escrituras hebraicas, uma das formas de se ligar a alguém em aliança era através de um sacrifício de sangue. Quando Deus estabelece sua famosa aliança com Abraão em Gênesis 15, a representação é a de um sacrifício. Abraão pega um animal, mata-o e coloca as partes do animal no chão. Depois, uma chama ardente – representando a presença e a participação de Deus – passa por entre as partes do animal. Tais rituais

invocam uma maldição, que pode ou não ser explícita, com o propósito de ‘poder me tornar como esse animal se eu quebrar a aliança’

Isto é, ser morto e esquartejado. Isso se reflete no alerta de Deus através do profeta Jeremias:

Entregarei os homens que violaram a minha aliança e não cumpriram os termos da aliança que fizeram na minha presença, quando cortaram o bezerro em dois e andaram entre as partes do animal; isto é, os líderes de Judá e de Jerusalém, os oficiais do palácio real, os sacerdotes e todo o povo da terra que andou entre as partes do bezerro, sim, eu os entregarei nas mãos dos inimigos que desejam tirar-lhes a vida. (Jeremias 34:18-20)

Os rituais ocultos de iniciação, tais como são praticados na bruxaria, podem envolver prender a pessoa a um pacto através do sacrifício de sangue. Para outros grupos de ocultismo, a morte é invocada de forma simbólica, por exemplo, por maldições de autodestruição, no uso de um símbolo de morte tal como um laço de força no pescoço ou na dramatização ritualizada da morte, tal como deitar num caixão ou o esfaqueamento simbólico do coração. A cerimônia tradicional islâmica de pagamento da *jizya*, com seu ritual de um golpe no pescoço representando a ‘decapitação’ de um não muçulmano, é um ritual simbólico de sangue. Esse ritual evoca a maldição de morte, que a *dhimma* traz sobre ele e sua comunidade, declarando espiritualmente: ‘Que eu seja decapitado se vier a quebrar quaisquer condições desse pacto.’

Os pactos de sangue invocados por maldições explícitas ou implícitas são espiritualmente perigosos porque dão lugar à opressão espiritual. Primeiro, eles aprisionam as pessoas às condições do pacto e, depois, estabelecem permissão psico-espiritual para que a pessoa seja oprimida, de acordo com as maldições invocadas pelo pacto.

As manifestações dessa permissão podem ser surpreendentes. Uma mulher de origem *dhimmi* vinha tendo pesadelos em que parentes mortos a convidavam para ir à terra dos mortos. Ela começou a ser acometida de pensamentos suicidas ilógicos sem aparente explicação. Conforme conversamos e oramos, foi revelado que outros membros da sua família, em gerações anteriores, também tinham tido pesadelos inexplicáveis sobre morte, o que lhes atormentava profundamente. Eu discerni que, porque seus antepassados tinham vivido sob a *dhimma* durante várias gerações, o medo da morte a oprimia. Oramos contra isso, prendendo o poder da morte e cancelando a maldição específica de morte devido a participação de seus antepassados no ritual anual de pagamento da *jizya*. Após essas orações, a mulher sentiu grande alívio do pesadelos e pensamentos de morte.

Autoridade de desligar

Na busca pela liberdade, é necessário agir de forma específica para contra-atacar e renunciar a compromissos malignos específicos. O Antigo Testamento, onde os ídolos e seus montes mais altos devem ser completamente destruídos, nos oferece um modelo de como tomar o território espiritual dos ídolos (Deuteronômio 12:1-3): os

altos montes, os lugares e objetos de rituais e os altares devem ser completamente destruídos, assim como os próprios ídolos.

Os pactos feitos devem ser renunciados um a um, assim como suas condições e conseqüências. Isso precisa ser específico. Assim como geralmente ajuda dar nome a pecados específicos em confissão, da mesma forma também ao se declarar liberdade espiritual: isso faz com que a luz da verdade de Deus brilhe em cada área que precisa de perdão.

O mesmo princípio de especificidade se aplica a alianças malignas. Por exemplo, uma pessoa que assumiu um voto de silêncio através de sacrifício de sangue precisa se arrepender e renunciar à sua participação nesse ritual e anular, de forma específica, seu voto feito através disso. Da mesma forma, alguém que luta com a falta de perdão, que já declarou sobre sua vida as palavras ‘nunca vou perdoar tal pessoa enquanto eu viver’, deve se arrepender desse voto, renunciar ao compromisso que ele representa e pedir a Deus perdão por ter feito essa declaração. Uma vítima de abuso sexual, que concordou em permanecer em silêncio sobre a dor da morte, precisa renunciar ao pacto de silêncio, por exemplo, ‘eu renuncio ao meu silêncio a respeito do que fizeram comigo e declaro o direito de falar.’ Para alguém buscando libertação dos efeitos espirituais da dhimmitude, é necessário renunciar ao pagamento da *jizya* e do ritual simbólico do golpe no pescoço que o acompanha.

O próprio Jesus instruiu seus discípulos que eles tinham o poder de ‘ligar’ e ‘desligar’ acontecimentos nos céus e na terra, isto é, na esfera espiritual e também física.

Digo-lhes a verdade: Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido (ou: foi) ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido (ou: foi) desligado no céu. (Mateus 18:18, Confira também 16:19)

É um consolo maravilhoso saber que os cristãos têm a autoridade de quebrar pactos e votos malignos porque a aliança de sangue de Cristo anula o poder de todos os pactos feitos com intenções malignas. Essa é uma promessa expressa na passagem messiânica de Zacarias:

Quanto a você, por causa do sangue da minha aliança com você, libertarei os seus prisioneiros de um poço sem água. (Zacarias 9:11)

Pela cruz, Deus nos diz que a vitória foi alcançada sobre as potestades e os principados desse mundo tenebroso (Colossenses 2:13-15). Esse triunfo destrói os poderes malignos e retira seus direitos de dominar, incluindo aqueles direitos recebidos através de alianças assumidas de forma voluntária ou não, conscientemente ou não.

CAPÍTULO 7

Como Renunciar à Dhimma

Este capítulo traz orações cristãs que oferecem um caminho para a libertação dos efeitos opressivos da dhimmitude.

A vida de Mohamad foi moldada por experiências profundas de rejeição, levando a um espírito ferido, um espírito de ofensa, uma mentalidade de vítima, um espírito de violência e uma vontade de dominar os outros. Seus apelos para os ‘esforços’ da *jihad* foram motivados por essa condição espiritual de opressão que buscava libertação através da humilhação de outros.

Em contraste, Cristo foi rejeitado, mas recusou-se a assumir a ofensa, recusou-se a usar violência, recusou-se a dominar os outros, recusou-se a adotar um espírito ferido.

Sua cruz e ressurreição derrotaram a rejeição e os poderes das trevas.

Por que a oração?

Talvez você queira fazer essas orações por diferentes razões:

- Você ou seus antepassados eram não muçulmanos vivendo sob o domínio islâmico e aceitaram o pacto da *dhimma* ou viveram em condições influenciadas pelos princípios da *jihad* e dhimmitude. Você, por exemplo, pode sentir medo de um ataque terrorista *jihadi*.
- Sua história pessoal ou familiar pode ter sido profundamente impactada por eventos traumáticos, tais como experiências de violência ligadas à *jihad* ou a outros abusos que podem ocorrer em condições de *dhimma*. Talvez você nunca tenha ouvido sobre esses eventos, mas suspeita que sejam parte de sua história familiar.
- Você ou seus antepassados foram ameaçados pela *jihad* islâmica e, embora não haja história de ter, de fato, vivido sob o islamismo, você deseja se libertar do medo e da intimidação.
- Você ou seus ancestrais eram muçulmanos e você deseja renunciar à participação no pacto da *dhimma* e de suas implicações.

Essas orações foram elaboradas para cancelar o pacto da *dhimma* e todas as suas implicações para que não tenham mais autoridade sobre sua vida. Elas foram elaboradas para resistir e quebrar maldições feitas contra você ou seus

antepassados por terem vivido como *dhimmis* em um país islâmico.

Talvez você faça essas orações com um senso de tristeza por não saber do passado e deseja se posicionar na verdade da palavra de Deus. Essas orações foram elaboradas para contrapor todas as influências espirituais negativas da dhimmitude, tais como:

- Mágoa
- Medo
- Intimidação
- Vergonha
- Sentimentos de culpa
- Sentimentos de inferioridade
- Ódio e rejeição a si próprio
- Ódio dos outros
- Depressão
- Engano
- Humilhação
- Retraimento e Isolamento
- Silêncio

Versículos bíblicos

O primeiro passo para se preparar para as orações é ler versículos bíblicos. Isso serve para afirmar verdades importantes que confirmam as orações. Sugere-se que você faça isso com outra pessoa que possa ser testemunha das suas orações.

O amor de Deus supera a rejeição

Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele. (1 João 4:16)

[Jesus disse:] Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. (João 3:16)

Nossa herança não é de intimidação: ela está em Deus

Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio. (2 Timóteo 1:7)

Pois vocês não receberam um espírito que os escravize para novamente temer, mas receberam o Espírito que os adota como filhos, por meio do qual clamamos: "Aba, Pai". O próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus. (Romanos 8:15-16)

Fomos chamados para viver em liberdade

[Jesus disse:] E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará. (João 8:32)

Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão. (Gálatas 5:1)

Nosso corpo pertence a Deus e não à opressão: nosso preço de sangue já foi pago

Acaso não sabem que o corpo de vocês é santuário do Espírito Santo que habita em vocês, que lhes foi dado por Deus, e que vocês não são de si mesmos? Vocês foram comprados por alto preço. Portanto, glorifiquem a Deus com o corpo de vocês. (1 Coríntios 6:19-20)

Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro...
(Apocalipse 12:11)

Homens e mulheres são iguais perante Deus e nenhum grupo é superior a outro

... Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. (Gálatas 3:28)

Nossas marcas distintivas não são a humilhação ou a inferioridade, mas a vitória de Cristo, a unidade no amor de Cristo e a cruz

Mas graças a Deus, que sempre nos conduz vitoriosamente em Cristo e por nosso intermédio exala em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque para Deus somos o aroma de Cristo entre os que estão sendo salvos e os que estão perecendo. (2 Coríntios 2:14)

Que eles sejam levados à plena unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste, e os amaste como igualmente me amaste. (João 17:23)

[Jesus disse:] Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. (Lucas 9:13)

Temos o poder do Espírito Santo para revelar a verdade

[Jesus disse:] Se eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas se eu for, eu o enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. (João 16:7-8)

[Jesus disse:] Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. (João 16:13)

Temos autoridade em Cristo para superar a vergonha

Tendo os olhos fitos em Jesus, autor e consumidor da nossa fé. Ele, pela alegria que lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e assentou-se à direita do trono de Deus. (Hebreus 12:2)

Temos o direito e a responsabilidade de aprender e ensinar nossos filhos sobre questões espirituais

Apenas cuidado! Muito cuidado, para que vocês nunca se esqueçam das coisas que os seus olhos viram; conservem-nas na memória por toda a sua

vida. Contem-nas a seus filhos e a seus netos.
(Deuteronômio 4:9)

Temos autoridade em Cristo para falar a verdade em amor,
com ousadia

A língua tem poder sobre a vida e sobre a morte;
os que gostam de usá-la comerão do seu fruto.
(Provérbios 18:21)

Agora, Senhor, considera as ameaças deles e
capacita os teus servos para anunciarem a tua
palavra corajosamente. (Atos 4:29)

O amor não se alegra com a injustiça, mas se
alegra com a verdade. (1 Coríntios 13:6)

Se alguém confessa publicamente que Jesus é o
Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em
Deus. (1 João 4:15)

Por isso, não abram mão da confiança que vocês
têm; ela será ricamente recompensada.
(Hebreus 10:35)

Podemos confiar na palavra da verdade

O testemunho de Deus tem maior valor, pois é o
testemunho de Deus, que ele dá acerca de seu
Filho. (1 João 5:9)

Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela
palavra do testemunho que deram; diante da

morte, não amaram a própria vida. (Apocalipse 12:11)

Não somos indefesos nem estamos desarmados, mas estamos espiritualmente protegidos em Cristo

Finalmente, fortaleçam-se no Senhor e no seu forte poder. Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do diabo. (Efésios 6:10)

Pois, embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; pelo contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo. (2 Coríntios 10:3-4)

Podemos considerar alegria o sofrer no nome de Cristo

Considerem motivo de grande alegria o fato de passarem por diversas provações. (Tiago 1:2)

A cruz destrói o poder de Satanás e nos leva à liberdade em Cristo

[Jesus disse:] Agora será expulso o príncipe deste mundo. Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim. (João 12:30)

A cruz cancela o pacto da *dhimma* e destrói todos os seus poderes

Quando vocês estavam mortos em pecados e na incircuncisão da sua carne, Deus os vivificou juntamente com Cristo. Ele nos perdoou todas as transgressões, e cancelou a escrita de dívida, que consistia em ordenanças, e que nos era contrária. Ele a removeu, pregando-a na cruz.
(Colossenses 2:13)

Entenda, conforme você ora, que suas orações e declarações são poderosas e eficazes. Concorde com Deus que ele deseja dar-lhe liberdade completa. Concorde, em seu espírito, em aceitar a verdade de que Cristo aceitou você e quer libertá-lo de todas as armadilhas do maligno. Decida confrontar e rejeitar a mentira que o pacto da *dhimma* impõe sobre os não muçulmanos.

Orações e Declarações

Orações de confissão

Deus de amor, eu confesso que pequei e me afastei de ti. Arrependo-me e me volto para Cristo como meu Salvador e Senhor. Por favor, perdoa-me especificamente pelas muitas vezes em que intimidei outros e busquei impor a inferioridade ou humilhação aos outros. Perdoa-me pelo meu orgulho. Perdoa-me pelas tantas vezes em que abusei ou dominei outros. Eu renuncio a todas essas coisas no nome de Jesus.

Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, louvo a ti pelo dom do perdão que Cristo conquistou na cruz. Reconheço que o Senhor me aceitou. Eu te agradeço porque, pela cruz, somos reconciliados contigo e uns com os outros. Declaro hoje que sou teu/tua filho/filha e herdeiro/herdeira do Reino de Deus.

Declarações e Renúncias

Pai, eu concordo contigo que não estou sujeito ao medo, mas que sou filho/filha do teu amor. Eu rejeito e renuncio às declarações do islamismo conforme ensinadas por Mohamad. Eu renuncio a todas as formas de submissão ao 'Alá do Alcorão' e declaro que adoro somente ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo.

Arrependemo-nos dos pecados dos nossos antepassados por se submeterem ao pacto da dhimma e a seus princípios e peço teu perdão pelos pecados deles.

Eu renuncio e revogo todos os pactos de rendição feitos por mim ou por meus antepassados à comunidade e aos princípios do islamismo.

Rejeito, por completo, à dhimma e a todas as suas condições. Renuncio ao golpe no pescoço no ritual do pagamento da jizya e a tudo o que ele representa. Eu renuncio especificamente à maldição de decapitação e de morte simbolizada por esse ritual.

Eu declaro que o pacto da dhimma está preso na cruz de Cristo. A dhimma transformou-se em uma dramatização pública e não tem poder ou direito sobre mim. Eu declaro

que os princípios do pacto da dhimma foram revelados, vencidos, derrotados e envergonhados na cruz de Cristo.

Eu renuncio aos sentimentos falsos de gratidão ao islamismo.

Eu renuncio aos sentimentos falsos de culpa.

Eu renuncio ao engano e às mentiras.

Eu renuncio a todos os acordos de me manter calado a respeito da minha fé em Cristo.

Eu renuncio a todos os acordos de me manter calado a respeito da dhimma ou do islamismo.

Vou falar e não vou me calar.

Eu declaro que 'A verdade me libertará' (João 8:32) e decido viver como uma pessoa livre em Jesus Cristo.

Eu renuncio e cancelo as maldições lançadas contra mim e minha família em nome do islamismo. Eu renuncio e cancelo todas as maldições jogadas contra meus antepassados.

Eu renuncio e quebro, especificamente, a maldição de morte. Morte, você não tem poder sobre mim!

Eu declaro que essas maldições não têm poder sobre mim.

Eu afirmo as bênçãos de Cristo como minha herança espiritual.

Eu renuncio à intimidação. Eu decido ser ousado em Cristo Jesus.

Eu renuncio à manipulação e ao controle.

Eu renuncio ao abuso e à violência.

Eu renuncio ao medo. Eu renuncio ao medo de ser rejeitado. Eu renuncio ao medo de perder minhas propriedades e bens. Eu renuncio ao medo da pobreza. Eu renuncio ao medo de ser escravizado. Eu renuncio ao medo de estupro. Eu renuncio ao medo de ficar isolado. Eu renuncio ao medo de perder minha família. Eu renuncio ao medo de ser morto e ao medo da morte.

Eu renuncio ao medo do islamismo. Eu renuncio ao medo dos muçulmanos.

Eu renuncio ao medo de me envolver em atividade pública ou política.

Eu declaro que Jesus Cristo é Senhor de todos.

Eu me submeto a Jesus como Senhor de todas as áreas da minha vida. Jesus Cristo é Senhor da minha casa. Jesus Cristo é Senhor da minha cidade. Jesus Cristo é Senhor da minha nação. Jesus Cristo é Senhor de todos os povos desta terra. Eu me submeto a Jesus Cristo como meu Senhor.

Eu renuncio à humilhação. Eu declaro que Cristo me aceitou. Eu sirvo somente a ele.

Eu renuncio à vergonha. Eu declaro que, através da cruz, sou lavado de todo pecado. A vergonha não tem direito sobre mim e eu reinarei com Cristo em glória.

Senhor, perdoa a mim e aos meus antepassados por todo o ódio aos muçulmanos. Eu renuncio ao ódio aos muçulmanos e a todos os outros e declaro o amor de Cristo pelos muçulmanos e por todos as pessoas da terra.

Eu me arrependo dos pecados da igreja e da submissão enganada dos líderes de igreja.

Eu renuncio à alienação. Eu declaro que sou perdoado e aceito por Deus através de Cristo. Eu estou reconciliado com Deus. Nenhum poder no céu ou na terra pode me acusar perante o trono de Deus.

Eu declaro meu louvor e gratidão a Deus, nosso Pai, a Cristo, que é meu único Salvador, e ao Espírito Santo, que é o único que me dá vida.

Eu me comprometo a ser testemunha viva de Jesus Cristo como meu Senhor. Não me envergonho de sua cruz. Não me envergonho da sua ressurreição.

Eu declaro que sou filho do Deus vivo, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó.

Eu declaro a vitória de Deus e de seu Messias. Eu declaro que todo joelho se dobrará e toda língua confessará que Jesus Cristo é Senhor, para a glória de Deus Pai.

Eu declaro perdão aos muçulmanos por ter participado do sistema da dhimmitude.

Deus Pai, por favor, liberta-me da dhimma, do espírito de dhimmitude e de todos os princípios malignos ligados ao pacto da dhimma.

Peço agora que me encha do Espírito Santo e derrame sobre mim as bênçãos do Reino de Jesus Cristo. Dá-me graça para entender a verdade de sua Palavra de forma clara e aplicá-la em todas as áreas da minha vida. Dá-me palavras de esperança e vida como prometeste que faria e abençoa meus lábios para que eu possa falar sobre elas com os outros, com autoridade e poder no nome de Jesus. Dá-me a ousadia de ser uma testemunha fiel a Cristo. Dá-me um amor profundo pelo povo muçulmano e paixão para compartilhar o amor de Cristo com eles.

Eu declaro e peço essas coisas no Nome de Jesus Cristo, meu Senhor e Salvador. Amém.

CAPÍTULO 8

Como Renunciar à *Shahada*

As orações neste capítulo estão divididas em quatro partes.
Elas cobrem:

- Comprometer-se em seguir Jesus Cristo,
- a shahada e o exemplo de Mohamed,
- engano e
- superioridade.

Oração de Compromisso para Seguir Jesus Cristo

Eu creio em um Deus, criador, Pai todo-poderoso.

Eu renuncio aos outros ditos 'deuses'.

Eu reconheço que pequei contra Deus e contra outras pessoas. Nisso desobedeci a Deus e rebelei-me contra ele e suas leis.

Eu não posso me resgatar de meus pecados.

Eu creio que Jesus é o Cristo, o Filho ressurreto de Deus. Ele morreu em uma cruz no meu lugar e levou sobre si o julgamento por meus pecados. Ele ressuscitou por mim.

Eu me afasto dos meus pecados.

Eu peço o dom de Deus do perdão agora.

Eu recebo o dom do perdão agora.

Eu decido aceitar Deus como meu Pai e desejo ser dele.

Eu busco o dom da vida eterna.

Eu entrego os direitos da minha vida a Cristo e o convido a ser o Senhor da minha vida desse dia em diante.

Eu renuncio a todas as alianças espirituais. Eu renuncio especificamente à shahada e a todas as suas reivindicações sobre mim.

Eu rejeito Satanás e todo o mal. Eu quebro todos os acordos profanos que fiz com espíritos malignos ou princípios malignos.

Eu renuncio a todos os laços profanos com outros que exerceram autoridade profana sobre mim.

Eu renuncio a todas as alianças feitas pelos meus antepassados por mim que causam algum impacto sobre mim.

Eu renuncio a todas as habilidades mediúnicas ou espirituais que não venham de Deus através de Jesus Cristo.

Eu peço o dom do Espírito Santo que foi prometido.

Deus Pai, por favor, livra-me e transforma-me para que eu possa trazer glória a ti e somente a ti.

Libera em mim o fruto do Espírito Santo para que eu possa honrar-te e amar os outros.

Eu declaro perante testemunhas humanas e perante todas as potestades espirituais que me consagro e me ligo a Deus através de Jesus Cristo.

Eu declaro que sou cidadão do céu. Deus é meu protetor. Com a ajuda do Espírito Santo, decido me submeter a Jesus Cristo e a seguir somente ele como Senhor, todos os meus dias.

Libertação da *shahada* e do exemplo de Mohamad

Quando os muçulmanos recitam a *shahada*, dizendo que Mohamad é o Mensageiro de Alá, eles reafirmam o Alcorão como a palavra de Alá. Isso também significa que eles aceitam o que o Alcorão diz sobre Mohamad, incluindo as obrigações de seguir seu exemplo, as ameaças

e as maldições que recaem sobre aqueles que não seguem Mohamad e o dever de lutar contra todos os que não creem e não seguem Mohamad.

Alguns dos aspectos negativos do exemplo de Mohamad incluem:

- violência e guerra,
- homicídio,
- escravidão de outros,
- vingança e retaliação,
- ódio,
- ódio pelas mulheres,
- ódio pelos judeus,
- abuso,
- vergonha e humilhação de outros,
- intimidação,
- engano,
- ressentimento,
- autojustificação,
- sentimentos de superioridade,
- interpretação errônea do caráter de Deus,
- desejo de dominar outros, e
- estupro.

Quando os muçulmanos recitam a *shahada*, eles também confirmam as afirmações do Alcorão e da *Sunna* a respeito de Cristo e da Bíblia, incluindo:

- negação da morte de Cristo na cruz;
- ódio pela cruz;
- negação de que Jesus é o Filho de Deus (e maldições sobre os que creem nisso);
- a afirmação de que os judeus e os cristãos corromperam suas escrituras; e
- a afirmação de que Jesus irá voltar e destruir o cristianismo e forçar o mundo todo a se submeter à *Sharia* de Mohamad.

Quando alguém abandona o islamismo, essa pessoa deve rejeitar e renunciar, de forma específica, ao exemplo de Mohamad e a todas as maldições implícitas na *shahada*. Isso significa rejeitar a crença de que o Alcorão é a Palavra de Deus.

Se o status de Mohamad como Mensageiro não for renunciado de forma explícita, as maldições e as ameaças do Alcorão e, bem como, a oposição de Mohamad à morte de Cristo e ao Senhorio de Cristo podem causar instabilidade espiritual, fazendo com que a pessoa seja facilmente intimidada, e dar origem à vulnerabilidade e à falta de confiança dessa pessoa como seguidora de Jesus.

Orações

Eu renuncio à falsa submissão como foi ensinada e demonstrada por Mohamad.

Eu renuncio e rejeito as falsas crenças de que Mohamad é o mensageiro de Deus.

Eu rejeito a afirmação de que o Alcorão é a Palavra de Deus.

*Eu rejeito e renuncio à **shahada** e a todas as suas repetições.*

*Eu renuncio dizendo **Al-Fatihah**. Eu renuncio a sua afirmação de que Jesus está sob a ira de Deus e que os cristãos se desviaram.*

Eu renuncio ao ódio pelos judeus. Eu rejeito as afirmações de que eles corromperam a Bíblia.

Eu rejeito a afirmação de que Deus rejeitou os judeus e declaro que isso é mentira.

Eu renuncio à repetição do Alcorão e rejeito sua autoridade sobre minha vida.

Eu renuncio a todo falso louvor baseado no exemplo de Mohamad.

Eu renuncio a todos os falsos ensinamentos sobre Deus que Mohamad trouxe e à afirmação de que Alá, conforme mostrado no Alcorão, é Deus.

Eu renuncio a minha dedicação ao islamismo quando nasci e a dedicação dos meus antepassados.

Eu rejeito e renuncio, de forma específica, ao exemplo de Mohamad. Eu renuncio à violência, à intimidação, ao ódio, ao espírito de ressentimento, ao engano, ao estupro, ao

abuso de mulheres, ao roubo e a todos os pecados que Mohamad cometeu.

Eu rejeito e renuncio à vergonha. Eu declaro que não há condenação em Cristo Jesus e que o sangue de Cristo me purifica de toda vergonha.

Eu rejeito e renuncio a todo o medo provocado pelo islamismo. Eu peço o perdão de Deus por ter alimentado medo por causa do islamismo e decido confiar em Deus e Pai do meu Senhor Jesus Cristo em todas as coisas.

Eu busco o perdão de Deus por todo e qualquer ato pecaminoso que cometi por seguir Mohamad com mensageiro de Alá.

*Eu rejeito e renuncio à afirmação profana de que, quando Jesus voltar, ele obrigará todas as pessoas da Terra a seguirem a **sharia** de Mohamad.*

Decido seguir a Cristo e somente a ele.

Eu confesso que Cristo é o Filho de Deus, que ele morreu numa cruz por meus pecados e ressuscitou dos mortos para minha salvação. Louvo a Deus pela cruz de Cristo e decido tomar minha cruz e o seguir.

Eu confesso que Cristo é Senhor de tudo. Ele domina sobre os céus e a terra. Ele é Senhor da minha vida. Eu confesso que ele voltará para julgar os vivos e os mortos. Agarro-me a Cristo e declaro que não há outro nome no céu ou na terra pelo qual posso ser salvo.

Eu convido meu Deus Pai a me dar um novo coração, o coração de Cristo, para me guiar em tudo o que faço e falo.

Eu rejeito toda adoração falsa e dedico meu corpo para adorar ao Deus vivo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Libertação do Engano

O pastor Damanik, que foi para a prisão injustamente na Indonésia por falar contra a *jihad* islâmica, disse isto sobre a verdade:

... embora a verdade seja difícil e muito cara, não temos outra opção. Temos que estar preparados para pagar o alto preço. A alternativa é dizer adeus à verdade. O que ama a verdade tem que lutar muito mais para ser alguém com uma vontade de ferro e, ao mesmo tempo, ser uma pessoa com coração puro e transparente (como vidro). A vontade de ferro é forte; não pode ser dobrada. Não se desvia do seu compromisso com a verdade ... O coração de vidro é aquele que é livre dos próprios interesses escusos e da agenda pessoal. Assim como o vidro, o que ama a verdade é sensível e facilmente quebrantado perante a injustiça e a falsidade ao seu redor. O coração quebrantado não é sinal de fraqueza, mas é sinal de força e poder. Ele é determinado e sua boca correta é capaz de se expressar em face à mentira e à falsidade dos seus arredores. Seu coração não pode se aquietar ou se calar. Seu coração está sempre cheio de luta contra a injustiça.

O fato de Deus ser verdadeiro é fundamental para que comecemos um relacionamento com ele.

Deus é relacional: ele se conecta em relacionamentos com a humanidade.

Abraão:

Estabelecerei a minha aliança como aliança eterna entre mim e você e os seus futuros descendentes, para ser o seu Deus e o Deus dos seus descendentes.

Toda a terra de Canaã, onde agora você é estrangeiro, darei como propriedade perpétua a você e a seus descendentes; e serei o Deus deles. (Gênesis 17:7-8)

David:

Tu disseste: "Fiz aliança com o meu escolhido, jurei ao meu servo Davi:

Estabelecerei a tua linhagem para sempre e firmarei o teu trono por todas as gerações".

(Salmos 89:3-4)

Deus não muda e é fiel em seus relacionamentos. Ele sempre cumpre sua palavra:

Deus não é homem para que minta, nem filho de homem para que se arrependa. Acaso ele fala, e deixa de agir? Acaso promete, e deixa de cumprir? (Números 23:19)

Dêem graças ao Senhor, porque ele é bom. O seu amor dura para sempre! (Salmos 136:1)

[Falando dos judeus] ... mas quanto à eleição, são amados por causa dos patriarcas, pois os dons e o chamado de Deus são irrevogáveis. (Romanos 11:28-29)

... fé e conhecimento que se fundamentam na esperança da vida eterna, a qual o Deus que não mente prometeu antes dos tempos eternos. (Tito 1:2)

Querendo mostrar de forma bem clara a natureza imutável do seu propósito para com os herdeiros da promessa, Deus o confirmou com juramento, para que, por meio de duas coisas imutáveis nas quais é impossível que Deus minta, sejamos firmemente encorajados, nós, que nos refugiamos nele para tomar posse da esperança a nós proposta. Temos esta esperança como âncora da alma, firme e segura (Hebreus 6:17-19)

Todavia, como Deus é fiel, nossa mensagem a vocês não é "sim" e "não", pois o Filho de Deus, Jesus Cristo ... não foi "sim" e "não", mas nele sempre houve "sim". (2 Coríntios 1:18-20)

Mas, no Alcorão, essa não é a personalidade de Alá:

Alá desvia quem Ele deseja e guia quem ele deseja; e ele é Todo-poderoso, o Todo-sábio. (Alcorão 14:4)

O Deus verdadeiro da Bíblia quer que sejamos como ele:

Disse ainda o Senhor a Moisés: "Diga o seguinte a toda comunidade de Israel: Sejam santos porque eu, o Senhor, o Deus de vocês, sou santo."
(Levítico 19:1-2)

Uma das formas de demonstrarmos a santidade de Deus é sendo verdadeiros, vivendo em verdade, porque Deus é verdade. Satanás ama colocar mentiras em nosso coração. A verdade de Deus nos protege:

... pois o teu amor está sempre diante de mim, e continuamente sigo a tua verdade. (Salmos 26:3)

Nas tuas mãos entrego o meu espírito; resgata-me, Senhor, Deus da verdade. (Salmos 31:5)

Não me negues a tua misericórdia, Senhor; que o teu amor e a tua verdade sempre me protejam.
(Salmos 40:11)

A verdade nos purifica:

Sei que sou pecador desde que nasci, sim, desde que me concebeu minha mãe.
Sei que desejas a verdade no íntimo; e no coração me ensinas a sabedoria.
Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e mais branco do que a neve serei. (Salmos 51:5-7)

Jesus é cheio da verdade:

Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1:14)

Fomos chamados para andar e viver em verdade:

Mas quem pratica a verdade vem para a luz, para que se veja claramente que as suas obras são realizadas por intermédio de Deus. (João 3:21)

Nos evangelhos, Jesus diz 'falo a verdade' 78 vezes e declara que só podemos chegar a Deus através da verdade:

Deus é espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. (João 4:21)

Respondeu Jesus: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim. (João 14:6)

Paulo fala da incompatibilidade entre mentir e seguir a Cristo:

Também sabemos que ela [a lei] não é feita para os justos, mas para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os profanos e irreverentes, para os que matam pai e mãe, para os homicidas, para os que praticam imoralidade sexual e os homossexuais, para os sequestradores, para os mentirosos e os que juram

falsamente; e para todo aquele que se opõe à sã doutrina. Essa sã doutrina se vê no glorioso evangelho que me foi confiado, o evangelho do Deus bendito. (1 Timóteo 1:9-11)

Uma questão cultural

Segundo o islamismo, mentir é permitido sob certas circunstâncias. Deus engana pessoas no Alcorão. Algumas vezes é obrigatório mentir. (Veja discussão sobre o engano e taqiyya em *The Third Choice*, página 56 em diante).

Os tipos de mentiras que a lei da Sharia permite incluem: mentir na guerra, mentira de marido para esposa, mentir para se proteger, mentir para defender a Umma e mentira de autoproteção (taqiyya) quando os muçulmanos acreditam que estão correndo perigo.

No islamismo, é permitido negar sua fé. Mas o cristão não pode viver assim:

Quem, pois, me confessar diante dos homens, eu também o confessarei diante do meu Pai que está nos céus. Mas aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante do meu Pai que está nos céus. (Mateus 10:28-33)

Jesus disse: “Seja o seu ‘sim’ sim e o seu ‘não’ não.

Orações e Declarações

Eu te agradeço, Pai, porque tu és o Deus da verdade, que brilha tua luz na noite mais escura. Hoje decido não viver mais nas trevas, mas quero viver na tua luz.

Por favor, perdoa-me por todas as mentiras que falei. Muitas vezes escolhi o caminho mais confortável e mais fácil, não o que é correto. Peço, Senhor, que purifique meus lábios de toda maldade. Dá-me um coração que se alegra em ouvir a verdade e uma boca pronta para fazer com que a verdade seja conhecida de todos.

Dá-me a coragem de buscar conforto na verdade e de rejeitar as mentiras.

Hoje eu rejeito e renuncio ao uso de mentiras em minha vida diária.

*Eu rejeito todos os ensinamentos do islamismo que são usados para justificar a mentira, incluindo a **taqiyya**. Decido me afastar de toda mentira e de todo engano. Decido viver em verdade.*

Eu declaro que Jesus Cristo é o Caminho, a Verdade e a Vida. Eu decidi viver sob a proteção de sua verdade.

Eu declaro que minha segurança está em ti e que a verdade me libertará.

Por favor, mostra-me, Pai Celeste, como andar na luz de tua verdade. Dá-me as palavras para dizer e um caminho por onde andar que sejam fundamentados na Verdade.

Libertação da Superioridade e dos Direitos

No islamismo, há uma grande ênfase na superioridade, em quem é 'o melhor'. O Alcorão diz que os muçulmanos são melhores que os não muçulmanos:

Sois a melhor nação que surgiu na humanidade, porque recomendais o bem, proibis o ilícito e credes em Alá. Se os adeptos do Livro cressem, melhor seria para eles. Entre eles há fiéis; porém, a sua maioria é depravada. (Alcorão 3:110)

O islamismo deve dominar sobre as outras religiões:

Ele foi quem enviou o Seu Mensageiro com a orientação e com a verdadeira religião, para fazê-las prevalecer sobre todas as outras religiões. (Alcorão 48:28)

Há também muitas *hadiths* de Mohamad que colocam bastante ênfase na superioridade.

A religião do islamismo tem tido bastante influência na cultura árabe, moldando-a por mais de mil anos. Nas culturas árabes, os conceitos de 'honra' e 'vergonha' são muito importantes e as pessoas odeiam parecer inferiores. Quando há conflito, há sempre o recurso de humilhar os outros e buscar satisfação em sentir-se ofendido.

Quando alguém abandona o islamismo e decide seguir a Cristo, essa pessoa precisa renunciar à cosmovisão

emocional na qual a pessoa precisa sentir-se superior aos que estão a sua volta e obter satisfação nisso.

A chave para se libertar desse modo opressivo de ver o mundo é o exemplo de Jesus Cristo. Essa ideia está expressa, de uma linda forma, no segundo capítulo da carta de Paulo aos Filipenses:

Se por estarmos em Cristo, nós temos alguma motivação, alguma exortação de amor, alguma comunhão no Espírito, alguma profunda afeição e compaixão,
complete a minha alegria, tendo o mesmo modo de pensar, o mesmo amor, um só espírito e uma só atitude.

Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos.
Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros.
Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!
Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho,

no céu, na terra e debaixo da terra,
e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor,
para a glória de Deus Pai.
(Filipenses 2:1-11)

De tempos em tempos, surgia uma pergunta entre os discípulos de Jesus sobre quem era ou seria maior entre eles. Eles queriam saber quem teria o lugar de honra no Reino de Deus.

Nisso Tiago e João, filhos de Zebedeu, aproximaram-se dele e disseram: "Mestre, queremos que nos faça o que vamos te pedir". "O que vocês querem que eu lhes faça?" perguntou ele. Eles responderam: "Permite que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda". Disse-lhes Jesus: "Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu estou bebendo ou ser batizados com o batismo com que estou sendo batizado?" "Podemos", responderam eles. Jesus lhes disse: "Vocês beberão o cálice que estou bebendo e serão batizados com o batismo com que estou sendo batizado; mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados". Quando os outros dez ouviram essas coisas, ficaram indignados como Tiago e João. Jesus os chamou e disse: "Vocês sabem que aqueles que são considerados governantes das nações as

dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas.

Não será assim entre vocês. Pelo contrário, **quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo; e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo de todos.**

Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". (Marcos 10:35-45)

Quando Jesus se referiu aqui aos 'gentios', ele queria dizer todas as nações. É uma característica universal da natureza humana querer sentir-se importante. Assim com Tiago e João, os seres humanos no mundo todo buscam os melhores assentos ou as posições de maior honra. Jesus reagiu a esse desejo explicando que se seus discípulos desejam de verdade segui-lo, eles devem aprender a servir os outros. De formas bem práticas, Jesus mostrou como isso funcionava. Ele 'se esvaziou' (Filipenses 2:7), até se permitindo ser crucificado, a morte mais desonrosa conhecida na época.

O desejo de ser superior aos outros é uma grande armadilha para os seres humanos. No Jardim do Éden, a serpente tentou Eva com isso, dizendo 'você será como Deus' (Gênesis 3:4). Com base nisso, Eva caiu no que a serpente queria.

Muitos problemas e dor nesse mundo acontecem porque as pessoas querem ser superiores às outras.

O coração de Jesus é bem diferente. Ele decidiu servir, não dominar. Ele não matou, mas deu sua vida pelos outros. Um verdadeiro seguidor de Cristo faz o mesmo. Ele não

tem prazer em qualquer senso de superioridade. Os verdadeiros seguidores de Cristo não têm medo da vergonha ou do que os outros pensam, porque confiam em Deus para os defender ou proteger.

O perigo do sentimento de superioridade está presente na história do filho pródigo (Lucas 15:11-32). O 'bom' filho sentiu-se superior e não conseguiu participar com seu pai da festa para o filho perdido quando este retornou. Por isso ele foi repreendido por seu pai. O caminho para o sucesso verdadeiro, aos olhos de Deus, é procurar servir os outros, não os dominar.

Orações e Declarações

Agradeço-te, Pai, que me fizeste de forma especial e maravilhosa. Obrigado por me amar e me chamar de seu. Obrigado pelo privilégio de seguir Jesus Cristo.

Por favor, perdoa-me por alimentar o desejo de me sentir superior. Eu renuncio e rejeito com firmeza a esses desejos. Eu me recuso a ter prazer em sentir-me melhor que os outros. Eu reconheço que sou pecador, assim como todo mundo e não posso fazer nada sem ti.

Eu também me arrependo e renuncio aos sentimentos de pertencer a um grupo ou a uma origem superior. Eu confesso que todos os povos são iguais aos teus olhos.

Arrependo-me de ter pronunciado palavras de desprezo e rejeição em relação aos outros e busco teu perdão por todas essas palavras.

Eu rejeito o pensamento de que as pessoas são inferiores por causa de sua raça, seu gênero, sua condição financeira ou seu nível de instrução.

Eu reconheço que é somente pela graça de Deus que posso estar na sua presença. Afasto-me de todo julgamento humano e busco somente a ti para me salvar.

Eu renuncio, de forma específica, ao ensinamento do islamismo de que o justo é superior, que o islamismo traz sucesso às pessoas e que os muçulmanos são superiores aos não muçulmanos.

Eu rejeito e renuncio à afirmação de que os homens são superiores às mulheres.

Pai Celeste, eu rejeito todo falso senso de superioridade e, em vez disso, escolho servir a ti.

Senhor, também decido me alegrar com o sucesso dos outros. Eu rejeito e renunciou a toda inveja e ciúmes dos outros.

Senhor, dá-me a habilidade de julgar de forma sadia e correta quem eu sou em ti. Ensina-me a verdade de como tu me vêes. Ajuda-me a me contentar por eu ser quem o Senhor criou.

Bibliografia

Bernard, J.H. 1928. A critical and exegetical commentary on the Gospel according to John. 2 vols. Edinburgh: T&T Clark.

Carson, D.A. 1991. The Gospel according to John. Leicester, England: Inter-Varsity Press.

Gibson, Noel and Phyl. 1987. Evicting demonic squatters and breaking bondages. Drummoyne, NSW: Freedom in Christ Ministries Trust. (Versão mais antiga de Evicting demonic intruders.)

Houlden. J.H. 1970. Paul's letters from prison: Phillipians, Colossians, Philemon and Ephesians. Harmondsworth, Middlesex: Penguin.

Kreider, Alan. 1995. Worship and Evangelism in Pre-Christendom. Alcuin/GROW Joint Liturgical Studies, 32. Cambridge: Grove Books Ltd.

Muir, William. 1861. The life of Mahomet. London: Smith, Elder and Co.

